

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***LUIZ RASSI***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Brasil um imenso hospital: Ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil

Entrevistado - Luiz Rassi (LR)

Entrevistadores - Simone Kropf (SK), Tamara Rangel (TR) e Dominichi Miranda de Sá (DM)

Data - 20/10/2006

Local – Brasília/DF

Duração – 5h34min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

RASSI, Luiz. *Luiz Rassi. Entrevista de história oral concedida ao projeto Brasil um imenso hospital: Ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil*, 2006. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 58p.

Data: 20/10/2006

### **Fita 1 – Lado A**

LR - Aqui eu botei História da Medicina em Brasília, no seu primórdio.

SK - Então, vamos lá, hoje é dia 20 de outubro de 2006, estamos aqui com Dr. Luiz Rassi, em Goiânia, na residência dele fazendo essa entrevista, eu Simone Kropf, Tamara Rangel e Dominichi Miranda Sá, e aí como eu falei para o senhor. A gente começa, geralmente, essa entrevista do começo mesmo, perguntando da onde o senhor veio, onde o senhor nasceu, o que faziam seus pais. O senhor nasceu aqui?

LR - Não, nasci em Cuba. Vou lhe dizer. Meu pai tinha ido para Cuba, solteiro, quando era jovem ainda, ficou 15 anos em Cuba trabalhando como mascate de pequeno comerciante. Depois de 15 anos ele voltou, por insistência do meu avô, pai dele, voltou ao Líbano para se casar, porque já tinham arranjado uma noiva para ele.

SK - Ah, sua família é de origem libanesa, claro, Rassi.

LR - Rassi em árabe significa cabeça. Então, você vai encontrar nos estados Unidos e em Cuba, na Colômbia, na Venezuela muitos familiares meus com nome Rassi ou Cabeça, que é a mesma coisa. Muitos traduziram e outros não traduziram para a língua latina, ou a língua espanhola ou portuguesa. Mas aí meu pai voltou depois de 15 anos, já com sua situação econômica consolidada ao longo desse período que ele ficou trabalhando pelo interior da ilha, e lá no Líbano, ele ficou seguramente quase dois anos. Nesse período ele se casou com minha mãe, que ele não conhecia e nem ela o conhecia. Mas eram parentes entre si, mas um parentesco um pouco mais distante. Casaram-se e voltaram novamente para Cuba. Naquela ocasião eram mistos: cargueiro e passageiro. Levava-se geralmente um mês para se chegar ao destino, no mínimo um mês. Chegaram então depois em Cuba, acredito que ela já estivesse grávida nesse período porque meu irmão nasceu, o primeiro, nasceu em 1912 ou 1913. Lá permaneceu meu pai com a família, que foi aumentando, até atingir seis filhos. Nesse segundo período dele em Cuba, que foi de 1912 ou 13 até 1924, nascemos em Cuba, seis filhos da família. O mais velho Leonardo, depois o Alberto, depois Salvador, que faleceu acidentalmente, em Vianópolis, aqui em Goiás, depois Glória, e eu sou o quinto filho, e a última nascida em Cuba era Aurora. Já aqui no Brasil nasceram quatro: João, Raul, Anísio e Afrânio. Dez filhos, uma prole razoável para a época, hoje seria excessiva. Mas na época, o número de filhos de uma família era geralmente um número bastante elevado. São situações diferentes porque, dizem, na época não tinha televisão para distrair. Hoje, pela televisão, há um corte natural, quando vão dormir já vão cansados, sonolentos. Não há prazo para constituir família grande.

SK - O seu pai trabalhava com comercio lá em Cuba, o senhor falou.

LR - em 1924, ainda havia o reflexo da chamada Recessão Econômica, na América toda, América do Norte, América Central, possivelmente América do Sul. Foi um período de crise econômica que se prolongava e depois de quatro anos meu pai estava já bastante

empobrecido com a situação, resolveu ir para o Brasil porque todos os outros familiares próximos, irmãos dele, já estavam aqui no Brasil, em Goiás. Imagine, em 1924, quando viemos era um período de guerra, da Revolução de 24, houve até dificuldade para nós chegarmos aqui em Goiás, na época. O navio que nos trouxe de Cuba, fez uma escala em Nova York, depois desceu, deveria ter descido em Santos, porém a revolução impediu que o navio descesse em Santos e tivemos que descer no Rio de Janeiro, com bastante dificuldade. Ele falando espanhol normalmente, pelo tempo que ele passou em Cuba, não tinha dificuldades em falar a língua, ou entender, se fazer entender. Mas para atingir o estado de Goiás era difícil porque a única via de acesso que havia era a estrada de ferro.

SK - Que saia do Rio e ia até onde?

LR - São Paulo. Havia dois trajetos: Rio-Minas-Belo Horizonte, mas o trajeto mais comum, mais normal era Rio de Janeiro – São Paulo, São Paulo- Triângulo Mineiro-Araguari. Chegava em Goiás depois, acompanhando a linha, o prolongamento da linha da estrada de ferro.

SK - Estava sendo feito na época?

LR - Estava sendo feito na época.

SK - Então, de Araguari para Goiás, não tinha?

LR - Havia até um pouco para cá de Ipameri.

SK - Era perto de Goiás Velho?

LR - Não, bem longe. Porque a estrada de ferro fica bem distante daqui. Fica 300 km de Goiânia.

SK - Mas na época, não existia Goiânia, era Goiás.

LR - Só isso.

SK - Mas a estrada de ferro, objetivava chegar em Goiás que era a capital do estado?

LR - Era a capital. Objetivava a chegar até lá.

SK - Mas não tinha chegado?

LR - Não, faltava ainda muitos anos para isso. Ela caminhava muito lentamente. O dispêndio na construção de uma estrada de ferro é um dispêndio demasiadamente alto e o poder público federal tinha que bancar e havia dificuldades. Então, era assim (c-84), fazia por trechos. Na medida que adentrava pelo estado de Goiás iam se formando as vilas, as cidades. Era um verdadeiro faroeste americano. O desenvolvimento... Era bonito do ponto de vista de ver e sentir o crescimento populacional, o crescimento econômico, o crescimento na agricultura, que também era insipiente, a pecuária também era insipiente, mas era uma fase, posso dizer, até primitiva da economia de Goiás. Mas era empolgante pelo aspecto do bandeirantismo, pelo aspecto do desbravamento do que era

antigamente, do sertão bruto da época, era um desbravamento sadio, bonito. E Goiás tinha uma população muito baixa na época, pouco mais de 800 mil habitantes, todo o estado, quando chegamos. Hoje Goiás tem mais de seis milhões de habitantes, só Goiânia tem mais de um milhão e oitocentos. Goiânia não era nem anteprojetado.

SK - É claro, 24 que vocês chegaram aqui.

LR - Nem anteprojetado existia por parte do governo federal.

SK - Por que foram para Goiás? Porque Goiás? Porque seu pai, por que o objetivo era se estabelecer em Goiás?

LR - Porque já os familiares nossos estavam aqui.

SK - E por que eles vieram para Goiás? O senhor sabe de algum motivo específico para ser Goiás? Como o senhor está falando, era um estado ainda muito vazio.

LR - Em primeiro lugar, todos os imigrantes libaneses ou sírios, na época, eram pobres, vinham com uma mão na frente e outra atrás, em busca de trabalho. O trabalho mais fácil para os árabes do Líbano, da Síria, era o trabalho de comércio, já é inato na raça. Ele sozinho, iniciou as compras em São Paulo, que era o centro abastecedor do comércio de todo país, de pelo menos dessa região do centro brasileiro, centro oeste brasileiro. Faziam suas compras e vendiam por aqui. Vendiam e voltavam, reabasteciam e voltavam. É fácil entender que a competição em São Paulo, por exemplo, cidades já desenvolvidas no interior de São Paulo, eram difíceis de se estabelecer e fazer concorrência. Então, o que eles objetivaram na realidade era procurar locais onde não havia ainda comércio estabelecido e se impunham como os primeiros comerciantes da região. Era um bandeirantismo, verdadeiras aventuras.

SK - O que eles vendiam, o senhor sabe?

LR - Os resultados foram altamente promissores, favoráveis.

SK - Mas em termos de produtos, o que era que eles levavam para vender nesse inteiro?

LR - Tecidos, armarinhos em geral, quinquilharias, sapatos, botinas, confecções, meias, lenços e coisas mais do vestuário.

SK - Para homens e mulheres?

LR - Homens e mulheres. Então isso deu resultado prático que era ganhar dinheiro e todos ganharam. Tanto que ganharam que pudemos nós estudar também fora, porque aqui não havia, em Goiás nessa época não havia nenhuma escola superior, não havia mais que uma escola de nível médio, e o restante eram alguns grupos escolares, curso primário.

SK - Desculpe interromper. Mas o senhor chegou aqui em 24, o senhor tinha...

LR - Quatro anos de idade.

SK - O senhor estava falando, acompanhando a estrada de ferro, se estabeleceram em Goiás, sua família.

LR - Não na capital antiga, na cidade de Vianópolis que era a ponta da estrada de ferro.

SK - A estrada de ferro já tinha chegado em Vianópolis?

LR - Estava chegando em Vianópolis, nos estabelecemos lá.

SK - Bom dia. Tudo bem?

LR - Essa é minha filha, Magda, é a dona da casa, hoje.

SK - Aliás, uma casa muito bonita... Muito obrigada.

SK - Então o senhor estava falando que se estabeleceram em Vianópolis. O senhor fica à vontade para comer o biscoitinho, não precisamos interromper, a gente vai comendo, bebendo junto da entrevista, não tem problema.

LR - Nós nos estabelecemos em Vianópolis.

SK - E a estrada de ferro estava chegando lá.

LR - Estava chegando. Vianópolis se tornou um centro comercial muito importante na época, na década de 20, até a década de 30 ainda mantinha um comércio muito ativo. Depois foi cedendo lugar para outras cidades que foram sendo construídas, como Leopoldo de Bulhões, e, finalmente, em 1935 a estrada chegou em Anápolis, que já era uma cidade tão importante como Leopoldo Bulhões e Vianópolis. Hoje, Anápolis, é um centro social e econômico importantíssimo. Tão importante quanto Goiânia, do ponto de vista econômico. São as duas grandes cidades, hoje é a capital de Anápolis. Se bem que existem dezenas de cidades hoje em desenvolvimento espantoso dentro do estado de Goiás, florescendo graças a instalações de empresas, industriais, de diversas naturezas. Mas nós nos estabelecemos em Vianópolis e permanecemos lá 18 anos. De Vianópolis, meu pai já consolidado economicamente, graças ao comércio, teve auxiliado por meu irmão mais velho, conseguiram mandar todos os filhos para fora para estudar. Porque Vianópolis só tinha um grupo escolar.

SK - O senhor chegou a estudar nesse grupo escolar?

LR - Estudei, estudei, formei nesse grupo escolar e tive que aguardar dois anos parado, sem poder continuar os estudos porque a situação não permitia ainda, situação financeira do meu pai. Não permitia. Depois que melhorou, ele me mandou. Eu fui o segundo a sair. Já o irmão mais velho que eu, o Alberto, que é o segundo cronologicamente, esse já estava estudando em São Paulo, o ginásio, que é o segundo grau, para ver como era difícil, na época o segundo grau só era feito em Goiás Velho, na cidade de Goiás, ex-capital. Lá tinha o liceu de Goiás que era o segundo grau, fora disso, nessa época, não tinha nenhum outro estabelecimento de ensino secundário, só ensino primário. Bom, a situação mudou a partir de 1931, quando se instalou o segundo ginásio em Goiás, na atual cidade de [Firbania] que na época era Bonfim. Lá se instalou o ginásio arquidiocesano, era dos

Salesianos, em Bonfim. O terceiro ginásio da cidade de Goiás se instalou em Ipameri, com o nome de Ginásio Municipal de Ipameri, construído pela comunidade árabe libanesa. A grande contribuição da comunidade árabe-libanesa em gratidão ao que o estado ofereceu a eles, foi trazer um ginásio para Ipameri. Lá estudei dois anos.

SK - Foi onde o senhor fez o ginásio?

LR - Eram cinco anos de ginásio na época. Os três últimos anos terminei em São Paulo.

SK - O senhor começou lá.

LR - Comecei em Ipameri. Na medida que meu pai melhorava de situação, havia um passo a frente, esse passo à frente, era a gente escolher um local mais adequado ou mais desenvolvido. Assim, pudemos, enquanto ia para São Paulo estudar no ginásio, os demais irmãos estudavam também no ginásio em Bonfim. E minha irmã estudava aqui em Campinas, hoje bairro de Campinas, na época, Campinas tinha o colégio das irmãs Santa Clara. Ao mesmo tempo, todos os filhos, praticamente, estavam estudando fora.

SK - Quais eram as suas memórias dessa infância aqui em Goiás, na cidade de Vianópolis? O senhor tem lembrança, a cidade era muito pequena, provavelmente, como era...?

LR - Era uma vida, realmente, de cidade pequena de inteiro, porém uma vida muito ativa, porque o comércio era bastante intenso. Não sei se vocês já ouviram falar em carros de boi. Carros de boi era um meio de transporte dos produtos agrícolas, especialmente arroz, feijão e milho. Mais o arroz do que os outros dois produtos, que saíam do interior todo de Goiás iam para Vianópolis. Na minha época, depois foram para outras cidades. Mas na minha época vinham para Vianópolis. Levavam entre ida e volta, dois meses, porque o carro de boi não andava mais de dez a doze quilômetros por dia. Andava passo a passo, levava os produtos produzidos nas fazendas e traziam de volta todas as compras que haviam necessidade: sal, arame, açúcar, fazendas, tecidos para linguagem antiga, sabonetes que também não existia, era o sabão, sabão de lavar roupa que utilizavam para todos os fins, mas era um pouco caustico. E a vida social em Vianópolis imitava as cidades grandes. Nós tivemos, por exemplo, clube, carnaval em Vianópolis era espantoso de movimentado.

SK - Imitava quem, o Rio de Janeiro? O carnaval do Rio de Janeiro?

LR - Em miniatura imitava.

SK - Chegavam revistas do Rio, como vocês ficavam sabendo?

LR - Jornais. Jornais levavam em média uma semana para chegar, de trem. Saia do Rio ou de São Paulo, ia chegar em Vianópolis de resto nas outras cidades uma semana depois. E era bem atual. Atualizado. (risos) Nesse particular houve um episódio muito curioso. Nós tivemos em Vianópolis, uma figura de educação primária, uma figura humana extraordinária, chamava-se Domingos, o sobrenome adotado para ele foi Domingos Manco, porque ele mancava de uma perna por um acidente que teve. Era professor do curso primário, mas professor de roça, de fazendas. Ele perambulava pelas fazendas,

fazendo alfabetizações e voltava para Vianópolis que era a sua sede. Mas voltava depois de alguns meses. Toda a vez que ele voltava para Vianópolis, ele ia direto para a nossa loja e falava para meu pai: “Sr. Abrão, me dá os jornais que o senhor tem aí, que eu quero acompanhar a guerra”. Era a guerra de 39 a 44. Meu pai sempre guardava os jornais para ele, que era uma figura carismática, bem simpática e bem quista em todo meio da cidade.

SK - E ele era de lá mesmo?

LR - Não, ele era baiano. A comunidade baiana era grande também. Não sei com eles chegavam, mas chegavam em pau de arara, né? A forma, não sei. Talvez viessem a cavalo ou de caminhão, [que começava] a existir na época. Coisa que não existia, nem automóvel, nem caminhão na época. Chegava então em Vianópolis, ele pegava os jornais, levava para a casa dele ler, acompanhando pela ordem cronológica. Ele nunca lia o último. Começava a ler com os anteriores, ia vibrando com a guerra. De uma feita, a guerra já tinha acabado, e ele ainda estava vibrando com as notícias da guerra. E eu falava para ele: “professor, a guerra já acabou”, “não, mas aqui nesse jornal ainda não”.

SK - Ele estava acompanhando o tempo do jornal.

LR - Ele acompanhava pelo Estado de São Paulo. Era o jornal que nós recebíamos. Acompanhava, “não, ainda estou em tal lugar, assim, assim, na França, Alemanha, estou lendo aqui, vou chegar até lá.”

SK - Você ia perguntar alguma coisa, Tamara.

TR - Quando precisava de algum atendimento médico, como vocês faziam?

LR - Bem, Vianópolis nessa época, não tinha médico. Tinha um médico que morava em Bonfim, Chirbania, Dr. José Chaves, que depois mudou para Vianópolis, uma temporada. Dr. José Chaves atendia em Bonfim ou Chirbania, Vianópolis, Leopoldo de Bulhões e alguns vilarejos em volta.

(*pausa*)

SK - Repete, Dominichi, por favor, para gravar. DM - Com todas as dificuldades aqui de comunicação, transporte, nessas regiões, vocês se sentiam isolados dos outros estados para o restante do país?

LR - Na década de 20, até 30, o meio de comunicação mais fácil era o telégrafo e a estrada de ferro, não havia outro meio de comunicação. As vias de acesso por terra, estrada de rodagem não havia que pudesse demandar os centros maiores como Rio de Janeiro ou Belo Horizonte. Eram somente estradas de carros de boi, estradas chamadas carreiras, eram estradas estreitas de no máximo três metros de largura, todas eram sulcadas pelas rodas, com suas ferragens – cada roda tinha um botão de ferro- aquilo sulcava a terra, então não havia. Automóveis nessa época, somente no fim da década de 20, por volta de 29 ou 30, é que chegou a primeira Baratinha, um Ford. (*pausa*) Mas, havia logo no início da década de 30, já havia dois carros em Vianópolis: um, era esse, a Baratinha e o outro era um Dodge, que um parente meu, um primo meu tinha adquirido, por volta de 1931, por aí. Os únicos dois veículos e um caminhão, um Ford velho, de pequeno tamanho, porque na época era o maior, mas para a época de hoje com relação aquela época, era um



caminhão que carregava no máximo 1.200 quilos, uma tonelada e meia. Hoje carrega 20 toneladas, por aí. E aconteceu um episódio muito curioso em Vianópolis: os dois únicos carros da cidade... A cidade tinha três ruas paralelas e tinha umas seis ou sete transversais. Os dois únicos carros se chocaram no cruzamento de uma rua com a outra. Ambos os proprietários dos veículos ficaram sem carro muito tempo porque não havia para consertar. Isso foi motivo de muita brincadeira, muito riso.

SK - Imagino. Eram de sua família?

LR - Um era da minha família o outro não, era um médico que já tinha mudado para lá. Nessa época já Vianópolis tinha um médico próprio, porque a cidade já comportava. Mas voltando atrás, na sua pergunta, na década de 20, só existia esse médico, Dr. José Chaves que fazia as três cidades: Vianópolis, Bonfim, Leopoldo Bulhões. Depois ele se fixou temporariamente em Vianópolis, depois de Vianópolis veio aqui para Goiânia que já estava iniciando, a partir de 1933 já estava iniciando a [obra?] enquanto isso, o médico que estava em Vianópolis, chamava, o sobrenome dele era Canabrava, primeiro nome não me recordo agora. Era um médico alto, muito simpático, muito afável, caiu no gosto da população; as moças, na época, doidinhas para namorar com ele.

SK - Ele era bonito então?

LR - Muito bonito. Ele tinha um porte até atlético.

SK - Era jovem?

LR - Jovem, bem humorado, muito simpático, realmente. Todos gostavam dele em Vianópolis. Pelo fato das moças todas gostarem dele, ele não podia escolher. Ele ia perder [as graças...] Ele ficou solteiro até voltar para Araguari que era a sede da família dele. Mas nos tornamos amigos muito tempo depois.

SK - E ele fazia tudo?

LR - Fazia tudo. Na época não havia especialidade nenhuma, fazia o que aparecia. Mas teve um outro médico depois dele, que foi Dr. [Diogo Gomes de Almeida], esse era goiano, [?] em Vianópolis Dr. Diogo era muito bom profissional, muito querido, casou-se com uma moçada Rio de Janeiro, que não acostumava com a vida do interior. Nessa época, já no início da década de 30, não acostumava. E havia sempre dificuldade de convivência. Era uma moça até muito bonitinha, tipo mignon, ficava sentada na calçada da casa dela, que ela era mocinha, esperando o movimento passar porque ela cansava de ficar dentro de casa esperando o marido. E o marido gostava de um carteadado e ela ficava muito sozinha, coitada. Com isso, eles acabaram também rompendo. Ela voltou para o Rio, ele permaneceu em Goiânia, depois saiu, foi para outros lugares e Vianópolis continuou tendo esporadicamente médico, ora tinha, ora não tinha. A medicina na época, em Goiás, era muito difícil porque, difícil de ser exercida, porque, os médicos também não tinham farmácia a sua disposição para atender as prescrições. Vale dizer isso, que na época, utilizava-se muito o receituário de manipulação, coisa que não existe há muitas décadas. Mas era o que mais existia. Em Vianópolis, somente a partir da década de 30 que passou a ter farmácia. Com isso houve fixação de médico no local. A grande dificuldade, evidentemente, era quando precisava de cirurgia. Tinha as pessoas que

saírem da cidade para procurarem um centro maior. Um centro maior na época disponível e melhor profissionalmente e de instalações era Araguari, que já era uma cidade bem constituída, era por assim, como chamavam, a capital do Triângulo Mineiro. Durante longo tempo, foi o escoadouro tanto da parte econômica como da parte social e populacional de Goiás. Era Araguari. Era onde acabava e começava a estrada de ferro de Goiás. Onde acabava a Mogiana, a estrada de ferro da Mogiana, porque era estrada de ferro mineira. Começava em Campinas ou próximo de Campinas, próximo a cidade de Mogi, não sei se é Mogi das Cruzes ou Mogi Mirim, por isso que ela tem o nome de Mogiana.

SK - Em São Paulo.

LR - Passava por ali. E ela morria em Araguari, onde começava a estrada de ferro de Goiás. Toda a população de Goiás que não conseguisse ir pelo Sudoeste através de Rio Verde e Uberlândia que na época era chamado de Uberabinha, era uma corruptela de Uberaba, porque era uma miniatura de Uberaba, porque a população de Uberaba foi quem mais construiu Uberlândia, por isso ela teve essa alcunha de Uberabinha, ou caipiramente como falavam, Berabinha.

DM - Esses primeiros médicos da região inspiraram o senhor a fazer Medicina, de algum modo eles fizeram com que o senhor tomasse gosto, o senhor os admirava?

LR - Eu realmente tomei gosto pela Medicina quando vi meu irmão mais velho chegar, ele já tinha entrado na Faculdade de Medicina no Rio, ele entrou em 1935 e terminou em 1940. Em 1935 foi quando eu comecei meu curso ginásio em Ipameri, fiquei dois anos, 1935, 1936, daí fui para São Paulo. Quando meu irmão vinha nas férias, eu também vinha, ele vinha já do Rio e eu vinha de São Paulo. Ele então muito empolgado com a Medicina já falava em certas cirurgias que eram executadas no Rio de Janeiro, na Santa Casa. A Santa Casa do Rio era o hospital da Praia Vermelha, [?] em Medicina. Onde concentravam-se todos os professores da faculdade. Ele então chegava em Vianópolis e me contava as maravilhas da cirurgia, e eu fui colocando aquilo na minha mente, e achava bonito. Ele desenhava, às vezes no papel, às vezes na terra mesmo, ele desenhava como se faziam as coisas. Eu ia ficando empolgado com isso, e passei depois a passar algumas férias de ginásio no Rio de Janeiro, e acompanhava os passos dele nas aulas ou na Santa Casa ou nas enfermarias, tomei gosto. Insensivelmente fui me impregnado e me condicionando a fazer Medicina. Involuntariamente eu já me considerava médico, achava bonito, um médico atendendo um doente, um médico ser respeitado pela sociedade, um médico ter privilégios de uma família, que quando ele ia ver um doente na casa, eu assisti muitas vezes isso, ser bem recebido, na hora de sair lavar as mãos com uma toalha de linho, tudo isso eu observava e achava aquilo maravilhoso, dignificante. Ainda não considerava nessa época, o doente em si que era o maior beneficiário, considerava a posição do médico. Depois, evidentemente, é que eu fui raciocinar, mas em função de quê o médico existe.

SK - Quer dizer, era o prestígio da figura do médico, né, Dr. Luiz?

LR - Você falou uma coisa certíssima, prestígio. Um prestígio, não compra, adquirido pelo exercício da profissão. Que a medicina sempre foi considerada uma profissão nobre. Nobre, não pela casta social, nobre pela sua finalidade, pelo seu objetivo que é atender o

doente de uma maneira elevada, de uma maneira edificante, curar o doente. Existe uma figura clássica que serve de exemplo, um médico velho ao lado de uma criança na cama, e mãe da criança ao lado da criança, e o pai um pouco mais afastado, todos preocupados com a doença da criança. E o médico sentado a beira do leito esperando a reação de melhora da criança. Esse quadro me impressionou desde a primeira vez que vi. E vi então, e senti, que a Medicina era nobre pelo lado humano. O médico, antes de mais nada, ele tem que ser obrigatoriamente, mesmo que ele não queira, ou seja da sua índole, ele tem que ser humano, no trato com o paciente, com a família do paciente. E assim eu me impregnei da minha condição de estudante, ainda ginásiano, de ser médico. E aprofundava nos meus estudos, principalmente as disciplinas que eu via que iam ser aplicadas futuramente na Medicina. Terminei o curso do ginásio...

SK - Quais eram essas disciplinas?

LR - História Natural, Química e Física. Eram as três disciplinas que eu mais gostava, que eu me dedicava com afinco. Só para você ter uma idéia, talvez tenha sido até um capricho meu, mas quando eu estava terminando o segundo ano pré-médico e no antigo colégio universitário que funcionou pela última vez em 1941 no Rio de Janeiro, próximo ou quase lado a lado com a Praia Vermelha, com a faculdade, para você ter uma idéia, existia um livro de Física, só com problemas para resolver. Tinha a solução, não tinha o desenvolvimento. Só tinha a solução final, com mil perguntas e as mil respostas, mil. Esse livro era o professor Mahler, primeiro nome não me lembro. Eu tive o capricho de resolver 999 problemas de física, só não consegui resolver um, nem eu e nem o professor. Então ele dizia, o enunciado deve estar errado (*risos*). Porque nem ele não conseguia. Isso foi um capricho, talvez o melhor desafio que eu fiz a mim mesmo. Eu era um bom estudante. Posso não ter sido um bom aluno, mas era um bom estudante porque sabia das dificuldades da minha base, da minha família, então eu não podia me dar ao luxo de brincar fora de casa. Aliás, quando eu saí de casa pela primeira vez, eu tinha 15 anos de idade. Meu pai chegou para mim e disse: “meu filho, agora você vai ficar por sua conta, fora daqui.”

SK - No ginásio?

LR - No ginásio. Você vai estudar...

### **Fita 1 - Lado B**

LR - ... tomar conta de si próprio, o que você fizer de digno vai beneficiar você mesmo, o que você fizer de indigno vai atingir seu pai que não deu educação suficiente par você, você já tem a sua independência dada por mim. E aquilo me perseguiu, me perseguiu a vida inteira. Então eu era um bom estudante. Há uma diferença que a gente pode fazer entre aluno e estudante. Aluno dentro do curso, estudante fora do curso.

SK - Me diga uma coisa, Dr. Luiz, o senhor estava dizendo da profissão médica, o prestígio da profissão médica. Mas, estudar no Rio de Janeiro demandava recursos, quer dizer, não eram todos os que gostariam de fazer medicina que tinham oportunidade

financeira disso. Nessa época a sua família já tinha alguma facilidade ou foi uma coisa difícil para mandar o seu irmão?

LR - Foi. Até eu me formar no pré-médico e fazer o vestibular, que o vestibular eu fiz em janeiro de 1942, passei logo na primeira vez, sem ter feito cursinho.

SK - O senhor não fez o preparatório?

LR - Não, não fiz o preparatório porque não tinha condições financeiras. Daí o fato de eu lhe dizer, eu era um bom estudante, cômico da minha responsabilidade de estudante, a minha profissão era estudar, e isso eu fazia religiosamente, nada me tirava da cadeira e da mesa da pensão onde eu morava. Mas, por isso eu passei também com facilidade. Não fui dos primeiros, fui depois de trinta e poucos. Eram cem vagas, passamos 90. Depois veio a lei de Getúlio Vargas, por pressão social e política, elevou o número de vagas e absorveu muitos e outros tiveram que fazer o segundo vestibular. Mas voltando a sua pergunta...

SK - Recursos da sua família.

LR - Meu pai não tinha recursos bastante para manter todos os filhos estudando. Então, de alguma forma a gente tinha também que ajudar. Eu fazia algumas coisas no Rio de Janeiro para ajudar, mas era pouca coisa que eu podia fazer: os curativos, injeções que eu tinha aprendido, ganhava algum dinheiro extra, ainda dentro da área. Agora, na verdade, o curso médico meu foi mantido pelo meu irmão, o primeiro, Alberto. Por quê? Aí vem a questão da cultura oriental, cultura árabe-libanesa. A cultura árabe-libanesa, ou síria, estabelece quase que naturalmente que o filho mais velho, na ausência do pai, com uma dificuldade assume a responsabilidade econômica e financeira dos irmãos mais novos. Ele, na verdade, era o segundo, porque o primeiro estava com meu pai trabalhando, não podia, estava nas mesmas condições. Então, para efeito prático de sustentação financeira, meu irmão Alberto, que se formou em medicina em 1940, e já em junho de 41 veio para Goiânia, se estabeleceu, a partir do início de 1942 ele já me mandava a mesada, era ele que me mandava. Meu pai deixou por conta dele, enquanto meu pai cuidava dos demais que estudavam aqui. Bom, quando eu terminei o curso em 1947, meus irmãos, os outros três: Raul, Anísio e Afrânio já estavam no Rio estudando, ainda não tinham feito vestibular, mas estavam já no preparatório para fazer o vestibular, terminando o curso secundário. Aí quando eu vim para cá em 1948, que terminei, eu me juntei ao meu irmão Alberto, que nessa ocasião tinha a Casa de Saúde Dr. Rassi, aqui em Goiânia. Ele me deu simplesmente metade da Casa de Saúde, sem eu ter feito o menor esforço para ganhar, para comprar. Mandou registrar, alterar o contrato social dele, o sócio ele já tinha saído, me colocou como sócio dele, 50%, sem eu pedir, sem nada, isso foi um gesto... Quer dizer, é um gesto comum na família libanesa ou síria, isso faz parte, vamos dizer, da própria cultura. É claro que ele solteiro ainda, eu solteiro, começamos os dois a trabalhar e manter os outros três irmãos no Rio de Janeiro, enquanto que os outros irmãos que não fizeram medicina, eram [?], nós também já encaminhávamos eles para áreas comerciais distintas, todos ao mesmo tempo ficaram independentes economicamente e financeiramente.

SK - Eu quero perguntar a respeito do seu curso médico. (*pausa*) Antes do senhor contar um pouquinho do seu curso médico, a gente estava conversando, o senhor estava contando

para a gente das lembranças até de Vianópolis. A gente estava falando da medicina em Vianópolis, o senhor lembra de quais eram as doenças mais frequentes na região, o que o pessoal se queixava mais? A gente sabe da presença do Papo em Goiânia, tinha isso nessa região, nessa época?

LR - Em Vianópolis propriamente não havia bócio da região local, mas existia bócio em pacientes que vinham para Vianópolis, sejam eles da antiga capital ou da zona do leste do estado, Formosa, Cristalina, essa região, iam para lá, isso existia. Agora, tratamento disso, não existia, era só cirúrgico para extirpação. Doença que existia com mais frequência: paludismo ou malária, existia muito.

SK - Em Vianópolis e na região?

LR - É. Existia o tifo, a febre tifóide, existia. Fora isso, eram doenças banais, existia doenças sexualmente transmissíveis, doenças venéreas. Porque nessa época existia os famosos bordéis, em toda cidade que se prezava tinha um bom bordel, explorado geralmente por mulheres que vinham também acompanhando o desenvolvimento da cidade, da estrada de ferro do estado, vinham com finalidade comercial. Realmente funcionava, porque corria muito dinheiro na época, facilidades, e a maioria procurava se divertir nessas casas. Bebia a cerveja natural, cerveja quente porque não existia geladeira e muito menos gelo, então tinha que beber a cerveja quente, que é horrorosa para o nosso paladar hoje. Mas na época, não existia, nós gostávamos.

SK - Em relação ao bócio que vinha de outras regiões, o senhor se lembra de ver grandes papos e tudo?

LR - Lembro. Como eu dizia, vinha do interior, porque o bócio, em certas regiões de Goiás, ele é endêmico. Olha, você agora me fez lembrar do congresso que nós realizamos em novembro de 1951, de 7 a 11 de novembro de 1951. Nesse congresso havia um tema: Bócio endêmico.

SK - Só para lembrar: Congresso Médico do Brasil Central Triângulo Mineiro.

LR - Foi também chamado, por resolução em assembléia, “I Congresso da Associação Médica de Goiás”, hoje nós já temos mais de 12, 13, a numeração. Mas nesse congresso havia um tema: bócio endêmico. Para você ter idéia, participaram desse congresso: ministro da saúde, governador de Mato Grosso, governador de Goiás, o secretário de saúde – Clovis Salgado- de Belo Horizonte, representando o governador que era Juscelino Kubistchek, o diretor geral do serviço nacional de lepra, o diretor geral das endemias rurais do ministério da saúde, um diretor do serviço nacional de tuberculose e outros mais.

SK - Malária não estava?

LR - Estava, Mario Pinotti. Bom, nessa ocasião, nós levantamos a questão do bócio endêmico e durante o congresso, nas exposições, nos debates, nós demonstramos às autoridades presentes, federais, que o bócio endêmico aqui em Goiás, se devia a carência de iodo no sal. Pedíamos a adição do iodo ao sal, desde a sua produção, nas salinas, seja do estado do Rio, Cabo Frio, por exemplo, Araruama, como também demarcar [o

Bomsoró] no Rio Grande do Norte, de onde vem o sal [Toble]. Mais vem agora do estado do Rio. Nós pedíamos a adição, porque, clinicamente, comprovávamos que cidades de maior predominância de bócio eram cidades onde havia exatamente carência de iodo. Bom, por que no Rio de Janeiro, na orla marítima, não tem? Por causa da praia. O sal já é natural, a pessoa já respira o sal. Então, pedimos. E participava do congresso médico um cirurgião, deputado federal, José Fleury, faleceu ontem, aos 93 anos de idade, não pude nem ir ao enterro dele. Ele ficou encarregado de elaborar a lei de mandar para o ministério da saúde, com a proposta, proposta do congresso, da adição. Quando ele voltou ao Rio de Janeiro, que lá funcionava a capital federal, 1951, apresentou; levou dois anos ou quase dois anos, até que o ministro, aí já era o Mario Pinotti...

SK - Nessa ocasião, 51, era Miguel Couto Filho, não é isso?

LR - Era. Mas aí já era o Mario Pinotti. Não, não, não era Mario ainda. Ele entrou em 55, se não me engano, Mario Pinotti.

SK - O Pinotti foi ministro do Juscelino em 58, se não me engano, 58 a 60.

LR - Ele era das endemias rurais, Pinotti, o da malária.

SK - Ele era do serviço nacional de malária. Mas agora está me fugindo quem era o ministro da saúde em 54, a gente depois complementa aqui.

LR - Pode complementar que era 53, 54. Aí, o ministério da saúde aprovou e mandou por decreto que todo sal saindo da origem teria que ter adição de iodo na forma de iodeto. Não sei hoje qual a proporção, mas é uma proporção chamada medicamentosa, já sai. Então graças a esse congresso realizado em Goiás, Goiânia, saiu uma lei que beneficiou o país todo. Porque o sal, não sai diretamente para determinado... sai, indistintamente, para todo o país.

SK - Estava presente nesse congresso o Baiata Viana?

LR - Estava presente o Baiata Viana, ele era da lepra, né?

SK - Porque ...

LR - Da lepra era Ernani.

SK - Porque o Baiata Viana tinha um trabalho, exatamente, mostrando essa questão do bócio e da necessidade do iodo, e era secretário... em 51, se não me engano, ele era secretário de saúde de Minas.

LR - Não era o Clóvis Salgado? Não, o Clóvis Salgado vem depois com Juscelino.

SK - Era isso, era o Baiata Viana.

LR - Me lembrei do Salgado.

SK - Depois a gente tem que confirmar também essa coisa do ministro da saúde em 51...

LR - Mas ele estava presente o Baiata Anibal?

SK - Estava, estava, Baiata Neves, é.

LR - Baiata Neves. Estava o Ernani, a [Fermani] do Amaral...

SK - ...da lepra, do serviço de lepra...

LR - Do serviço nacional de lepra, estava presente. Bom, eu sei que graças a esse congresso que nós realizamos, o sal, até hoje, só sai iodado, beneficiando todas as regiões, todo o país. Diminuiu sensivelmente o número de portadores de bócio endêmico, carência de iodo. Isso é a maior prova clínica de que realmente era carência. O Baiata Neves fez esse trabalho, apresentou também. Mas ele só tomou realmente corpo, aqui durante esse congresso.

SK - Agora, o bócio era uma doença... O senhor falou que se lembrava que tinha aqui, vindo de outras regiões onde ele era endêmico, o senhor se lembra de alguma sensação estigmatizante em relação ao bócio? Pela própria questão do papo, era uma doença associada a alguma coisa ruim ou...?

LR - Não, não. DE tanto existir bócio naquela época, ninguém estranhava uma pessoa papuda, sabia que era desenvolvimento da tireóide, ou do lombo da tireóide, mas não estranhava nem refletia no relacionamento, nem era também discriminada por isso. Conta a história aí, que em certos, lugares onde não tinha bócio, os que possuíam bócio estranhavam a presença dos que não tinham bócio.

SK - Era uma coisa comum?

LR - Era coisa comum, aceita pela sociedade, normalmente.

SK - Aqui, né? Mas, por exemplo, na época que o senhor fazia medicina no Rio?

LR - Não, não existia.

SK - Sim, no Rio não existia, mas o pessoal da capital, o senhor se lembra de ter uma imagem de que essas pessoas doentes de Goiás, os papudos, tinham alguma imagem negativa em relação a isso? Não?

LR - Não, não.

SK - O senhor não se lembra de ter tido nenhuma...

LR - Não lembro e também na verdade não tinha. Não era doença contagiosa, não era doença infecciosa, não era doença que pudesse contaminar quem quer que seja. Graças a deus. E nessa época também, no Rio, já se operava bócio, tanto bócio por hipotireoidismo como por hipertireoidismo. Que o bócio geralmente é acometido em pessoas hipotireoidias ou normotireoidias. O hipertireoidismo que é doença real da glândula em si, o restante é expansão da glândula, desenvolvimento de um nódulo. Sai a espécie de nódulo da tireóide. Então, não era estigmatizante.

DM - Nem mesmo outras doenças, durante a sua faculdade de medicina no Rio de Janeiro, não se falava, por exemplo, de Goiás ser um local de muitas doenças, muitos doentes? Falavam isso?

LR - Estranhavam quando perguntavam, de onde você é? Sou de Goiás. “Ih, onde fica isso?”

SK - Isso que eu ia perguntar, isso que a Dominichi perguntou. Como seus colegas na faculdade, que eram do Rio, qual era a reação deles quando o senhor contava, “eu venho de Vianópolis no Goiás, qual a imagem que eles tinham disso?”

LR - Estranhavam. Primeiro, estranhavam a distância que era, porque, de onde nós morávamos, Goiás até o Rio de Janeiro são seguramente 1.500 quilômetros por estrada de ferro. Levávamos quatro dias para chegar ao Rio de Janeiro, daqui. Estranhavam primeiro isso. Segundo, condições financeiras: sua família deve ser muito rica. Eu de tanto falar que não era, acabei falando que era. Porque não adiantava dizer que não era, ninguém acreditava. Então, para fazer curso de medicina na época, tinha que ter dinheiro, pobre não fazia curso de medicina. Principalmente porque não tinha aqui, aqui nas proximidades. É o que eu digo sempre aqui na faculdade, que eu fui professor 30 anos, hoje, qualquer um estuda, só não estuda quem não quer. Não adianta dizer que não pode estudar, porque pode estudar. Trabalhar de dia e estudar a noite. Qualquer área que ele quiser. Menos medicina evidentemente, que não existe curso noturno. Mas mesmo querendo, pode trabalhar a noite, horário diferente. Na minha época, como dizia ele, era um sacrifício, para quem estudava, mas muito mais sacrifício para quem mantinha, para os pais, que mantinha os estudantes. Então éramos vistos pelos colegas, não digo espanto, mas pelo menos com uma certa deferência porque pessoas que saem de tão longe, morar desconfortavelmente em pensões, deve ser porque quer estudar mesmo.

SK - então o senhor era respeitado por isso?

LR - Era.

SK - Não era uma coisa assim: “ah, veio lá do interior...” Não tinha uma visão negativa?

LR - Não. Eu vou lhe dizer. Meu chefe, que eu chamo de meu chefe, muito antes de eu me casar com a filha dele, filha única, muito antes, eu chamava ele de meu chefe.

SK - Seu sogro.

LR - Meu sogro. Ele tinha um respeito muito grande pelos estudantes de fora do Rio de Janeiro. E praticamente os estudantes que trabalhavam lá com ele, eram de fora. Esses são bons porque vêm de fora, vêm para estudar, não vêm para brincar.

SK - Hoje eu vi que essa história do seu sogro é interessante, eu vou perguntar para o senhor já, já. Eu só queria retomar uma coisa. Como o senhor foi de Vianópolis para o Rio. Havia casos de pessoas locais... O senhor não era, tinha vindo de fora para Vianópolis. Pessoas dali da região, de Vianópolis ou de outras regiões do interior de Goiás



que fizeram esse caminho para a faculdade de medicina, o senhor conheceu alguém que foi também para o Rio estudar?

LR - Não, muito pouco. Conheci por exemplo, tive colega de turma de Ipameri, cujo pai já era médico, já tinha uma situação consolidada profissionalmente. Tive também colega de turma de Anápolis, cujo pai era também bem situado economicamente. Tive também de Goiás Velho, aliás de Goiás, quando eu falo Goiás Velho, não é por irreverência é por um hábito criado na época, mas a cidade de Goiás, o nível cultural da cidade era muito elevado. Porque era elevado? Porque era uma cidade, vamos dizer, aprisionada no interior de Goiás, não tinha comunicações, que era capital do estado. Então, a mocidade, homens ou mulheres ou rapazes ou moças tinham que se aculturar lá mesmo. E elas realmente, desenvolviam-se intelectualmente, culturalmente. Em função de ser a capital, as pessoas que moravam lá, tinham de alguma forma mais condições financeiras para poder estudar no Rio. Mas a maioria acabava não voltando para a origem, ficava no Rio mesmo, porque desvinculava-se da origem e sabia das dificuldades de clinicar aqui, acabavam ficando por lá, e acabavam se casando, daí o fato de se dizer sempre, a cidade de Goiás, inexplicavelmente, mas que eu explico, tem mais mulheres do que homens, bem mais mulheres, porque sobravam as mulheres, não era habitual a mulher sair para estudar fora, estudava dentro. As famílias também tinham certo preconceito em permitir que suas filhas saíssem para estudar. Eram situações de uma época passada, mas a gente tem que respeitar, porque era a cultura da época. E assim, os que podiam sair, saíam. Agora, uma coisa é verdadeira, a comunidade libanesa ou síria contribuiu demais para que seus filhos pudessem estudar fora. Porque eles vinham como imigrantes para a área do comércio, produzir, ganhar seu dinheiro, viver decentemente, mas uma coisa que eles faziam sempre, dar oportunidade aos filhos de estudar fora. Daí o fato de ter na minha família, cinco formados naquela época, que foram Medicina. Mas, paralelamente, meus primos, filhos de tios ou tias também estudaram, outros, de Ipameri, por exemplo, da família [Dayer] também estudaram medicina, muitos deles são médicos. Se não me engano, o primeiro deles entrou para a faculdade por volta de 1930, era uma verdadeira odisséia atingir o Rio de Janeiro, numa época dessas. Sair daqui sozinho, não ter mais contato com a família, a não ser por correspondência, que levava dez, doze, quinze dias ou um telegrama que chegava com o atraso de dois, três dias. Tudo isso. Então era um verdadeiro sacrifício.

SK - Havia outras colônias na região, de imigrantes?

LR - Havia. Depois da 1ª Guerra Mundial houve muitas famílias européias que vieram: alemães, poloneses, italiana, francesas, que vieram para o Brasil e vieram para Goiás, até japonesa. Por exemplo, Ipameri foi um centro, na década de 30, Ipameri era um centro comercial muito importante já, de Goiás, era mais importante do que as outras cidades na época, na década de 30, lá existia comunidade alemã, japonesa, francesa, árabe era representada mais ou menos por 50%, de todas as demais. Tanto [Ipemaã] e Ipameri, como a cidade de Catalão, próximo a Ipameri, foi o primeiro ponto de parada da comunidade de imigrantes, depois, muitos voltaram para Ipameri, que desenvolveu mais. Hoje, já é ao contrário, Catalão explodiu em termos de desenvolvimento e Ipameri estagnou, razões especiais. Então, a comunidade estrangeira de modo geral, mandava seus filhos para fora. Porque já estavam habituados a isso nos seus países de origem, enquanto que as famílias aqui eram mais pobres, menos aculturadas, não tinham tanto estímulo quanto os demais que queriam progredir na vida.

SK - Tinha rádio?

LR - Não. Rádio, pela primeira vez, entrou em Goiânia, em 1938. Goiânia não, em Vianópolis, na cidade da estrada de ferro, 1938. Houve um pequeno ensaio em 1937 que não deu certo, mas a partir de 38 já começou mais ou menos.

DM - E seu período no Rio de Janeiro, o curso médico, a sua temporada de estudante, como foi?

LR - Minha temporada de estudante... (*risos*), foi marcada essencialmente pelo estudo sério. Evidentemente que eu me divertia também. Eu não era santo, nem tinha propensão para ser santo. Mas eu tinha acima de tudo a responsabilidade de estudar. Morei durante todo o período da minha vida no Rio entre a Glória e o Flamengo, entre o Largo do Machado, depois mudou para Duque de Caxias, depois tornou a voltar para Largo do Machado. Não sei se você sabe disso. Inicialmente ali era Largo do Machado, porque tinha um Machado, comerciante português, naquela praça; em função dele nasceu o Largo do Machado. Onde tinha um café, famoso café, chamado... esqueci, mas tinha também o bar, restaurante do Lamas. Não há quem não conheça. Completou cem anos há poucos anos atrás. Era ponto de encontro de todos os estudantes do Brasil inteiro. E, curiosamente, esse Largo do Machado, esse bar do Lamas, tinha um quadro negro com giz para os estudantes utilizar e escrever o que queria. Tudo aquilo que eles queriam, como por exemplo: estou viajando para tal lugar, quem quiser alguma coisa, me comunique, fulano. Eram os bilhetes que ficavam. Tenho um aparelho de pressão para venda; fulano de tal, tenho um recado para você da sua mãe ou do seu pai; isso tudo no bar do Lamas, era um quadro negro muito maior que essa tela.

SK - O senhor não tem foto disso, Dr. Luiz? Que pena!

LR - Memória é uma coisa relativamente recente, não havia uma preocupação. Na minha época, e creio, que também não havia uma preocupação específica para fazer a memória de alguma coisa. Muito menos uma memória biográfica, que ninguém se preocupava. Tanto que meu currículo, por exemplo, ele tem muitas falhas, porque eu não tenho documentação. Quando fui entrar para a Faculdade de Medicina, que eu fui um dos membros fundadores da faculdade...

SK - Aqui de Goiás?

LR - Aqui de Goiás, eu tinha que apresentar todo meu dossiê, todo meu currículo. Eu tive que ir ao Rio, a São Paulo pegar diplomas, certificados de cursos, tudo, para formar um currículo, porque na época da federalização eu tive que apresentar toda a documentação para o Ministério da Educação, que na época era Ministério da Educação e Cultura, para ser aprovado pela antiga diretoria do Ensino Superior. E assim então conseguimos um corpo docente a custo dos currículos de cada um. Então cada um foi escolhido de acordo com a sua pretensão para determinadas áreas do curso médico. Mas, voltamos ao Rio. Eu fiz, como estava dizendo a pouco tempo atrás, o pré-médico no antigo colégio universitário do Rio de Janeiro, que era um curso ligado, não diretamente, mas indiretamente a Faculdade Nacional de Medicina. Ele tinha essa dependência administrativa, mas já voltado para a área médica. Eu fiz esse curso, primeiro e segundo

ano. Fiz o vestibular em janeiro de 1942, passei, não pude vir passar as férias em Goiânia pela dificuldade na época do percurso, que era bastante longo. E o tempo não permitia que voltasse para início das aulas. Eu tinha que me preparar para o início das aulas. Mas, entramos ao mesmo tempo para o curso de Medicina, além de um menino aqui de Goiás, cito nome da pessoa?

TR - Pode falar.

LR - Além de mim, Hugo Frota, Anapolino de Faria, Johnny Costa, e, a que veio a ser esposa de Hugo Frota, Natalina, casou-se com ele logo depois.

SK - Foi fazer o curso também, uma mulher? Ela foi fazer o curso?

LR - Era. Era uma das pouquíssimas mulheres, pouquíssimas, não era hábito. E o curso médico, nessa ocasião, eu morava na rua Correia Dutra, número, não sei se é 13 ou 11, não existe mais o prédio, que eu já voltei várias vezes, fazendo os percursos que eu fazia quando estudante, rememorando a minha vida de estudante no Rio de Janeiro, onde eu passava, era uma pensão que não dava refeições. Então nós comíamos por mês, numa outra, quando cansava de uma, passava para outra. Aí verificava que era a mesma coisa que a outra, voltava depois, cansava da mesma comida, era sempre a mesma coisa, não variava. E assim, levei a vida entre a rua Correia Dutra, Ferreira Viana, Silveira Martins, Dois de Dezembro, 122, Silveira Martins era 127.

SK - O senhor lembra bem, de tudo!

LR - Lembro. Na Silveira Martins 127 havia dois cantores famosos. Uma era uma mulher, as irmãs Batistas, moravam lá, e um cancionista famoso que eu esqueci o nome dele agora, cancionista, era um nome curto, duas palavras, esqueci. Bom, então era a vida divertida de pensão, porque as pensões da época, do Rio de Janeiro todo, como de resto as casas residenciais, não fechavam suas portas de frente. Aqui, vocês entraram em casa, eu fechei a porta, apesar de ter um cerca e tudo mais. Mas, no Rio, as casas que geralmente ficavam até nas calçadas mesmo, não havia recuos das casas antigas, as portas ficavam abertas, porque toda noite havia sarau. Moças e rapazes, estudantes, tanto do Rio quanto de fora, quanto da própria casa que moravam muitas moças que vinham trabalhar no Rio de Janeiro, funcionárias públicas, cada vez que vinha um senador, um deputado ou era nomeado algum ministro, ele trazia da sua cidade várias pessoas, e dentre essas pessoas vinham moças, funcionárias, não havia tanta restrição como existe hoje, para contratação, nomeação, tudo era livre, não havia concurso, por assim dizer, a nomeação era direta. A verdade é que o número era pequeno. Mas a evolução veio, a evolução e o aumento do número de candidatas fez com que houvesse concursos, seleção de pessoal, etc. Então, moças do extremo norte até o extremo sul. Eu me lembro de muitas que vieram. Então havia aquele conagraçamento entre os estudantes de fora, entre rapazes e moças, conagraçamento respeitoso, sadio, amistoso, quase que de irmãos, de proteção mútua. Muitas vezes saíamos juntos, mas saímos para passeio e ao mesmo tempo dar proteção quando se tratava de moças, etc. Não havia a malícia que a evolução dos tempos fez mudar, não havia. Claro, havia namoro, havia. Mas não havia a figura do meu namorado a ser o que é de hoje. Namorado era simplesmente namorado, no máximo pegava na mão e um beijinho aqui ou ali. Às vezes, nem na boca não era dado. Beijinhos inocentes. Bem, era a época. Época do romantismo do Rio de Janeiro. Mesmo considerando que as moças

iam para lá, eram moças do interior do Brasil. Sendo do interior do Brasil ou das próprias capitais dos estados distantes, não eram moças muito liberais, guardavam seus hábitos e costumes familiares ainda. Mas também no Rio de Janeiro não existia... Não existia um rigor absoluto, mas também não existia tanta liberalidade quanto existe. Então, nós saímos, passeávamos, íamos ao cinema, teatro, dançar em clubes, que não tinha obrigatoriedade de ser sócio, pagava-se ingresso. Ia, por exemplo, no clube dos comerciários da Av. Rio Branco, que eu freqüentava bastante e tem até um episódio, morava numa dessas pensões uma senhora com duas filhas, que ela mesma me pedia, “Luiz, leva minhas filhas para dançar”, bastava ela dizer assim “leva minhas filhas... em você eu confio, - para eu ser o mais santo dos homens”, ela sempre dizia isso.

DM - Dr. Rassi, toda essa vida cultural, bem intensa, agradável, o senhor ficou tentado em permanecer no Rio de Janeiro ou se estabelecer lá ou desde sempre o senhor pensou em voltar para Goiânia para trabalhar aqui como médico?

LR - Olhe, quando eu fui fazer o curso de medicina, eu já tinha a idéia, ou a certeza que eu teria que voltar, teria, para poder trabalhar com meu irmão que já tinha uma casa de saúde, insipiente, e que era o responsável pela sustentação familiar. Então, eu tinha na época noção exata desse dever meu familiar. Tanto que eu terminei o curso, nem pensei. Eu tive convites para ficar. Eu era bom estudante, mas eu também me revelei um bom aluno. Eu era muito compenetrado da minha responsabilidade. Tanto que quando eu comecei a namorar a minha esposa, meu sogro não fez a menor objeção a nada, nada. Ele só me disse... Na época pedia-se a mão em casamento. Hoje pede-se o corpo inteiro. (*risos*) então ele dizia, você é um bom rapaz, senta aqui, quero conversar de outras coisas, a realidade...

## Fita 2 – Lado A

LR - Mas quando ingressei para a faculdade de Medicina em 1942, eu já tinha em mente que eu deveria ser um cirurgião. Porque me atraía o sensacionalismo das cirurgias, das curas cirúrgicas. Um indivíduo com uma hérnia de repente ficar sem hérnia, um indivíduo com uma apendicite aguda de repente ficar sem o apêndice, o indivíduo com uma úlcera de estômago de repente ficar bom da úlcera, tudo isso me atraía do ponto de vista de estudante. E já me interessava em saber qual era o melhor serviço da Santa Casa... (*pausa*) Aí perguntava aos estudantes mais antigos, que estavam no segundo, terceiro, quarto ano do curso médico, todos de fora, mas meu irmão já tinha me orientado: você vai estudar na enfermaria do professor Pedro Moura. Está bem. Um outro lá me dizia, a melhor enfermaria para aprender é a enfermaria do professor Pedro Moura. Lá já trabalhava, morava na pensão, ou comia na pensão, morava numa outra pensão ao lado um colega, estudante, estava no quarto ano, ele era também interno da enfermaria do Professor Pedro Moura. O nome dele, Jorge Aucaz, do interior de Minas, também descendente de libaneses. Ele dizia para mim: você quer aprender cirurgia, então você vai, mas tem que ser o ano que vem, ele só aceita aluno do segundo ano em diante, do primeiro ano ainda não. Bom, mas eu fui ainda no final do primeiro ano, corri para a enfermaria, ele me apresentou o professor Pedro Moura; quando cheguei no gabinete dele, na Santa Casa, 12<sup>a</sup> enfermaria, ficava no primeiro pavimento, a esquerda de quem entra, enfermaria Santo Amaro; eu entrei, me recebeu, sentei, ele estava sentado, cabelo escovinha, era o

nome, raspado, gorduchinho, depois ele perdeu muito peso, mas enfim, sentei, comecei a fazer as perguntas para mim: de onde eu era, qual a faculdade que eu estudava, porque ele fazia restrições a outras faculdades de Medicina, para ele, só a Faculdade Nacional de Medicina, onde ele era também docente.

SK - Quais eram as outras?

LR - Fluminense, tinha Ciência Médicas...

SK - Faculdade de Ciências Médicas.

LR - Era [alemanhana], ele não aceitava. Há muito custo ele aceitou uma vez, um fora, de tanto nós pedirmos pelo aluno. Nós é que pedimos porque era um bom aluno. Ele aceitou um de fora. Só queria mesmo que ele tinha certeza. Que eram alunos de uma faculdade que levava tudo a sério. E na minha época era ainda a melhor faculdade de medicina do país, pelo menos a que tinha mais nome. Por isso, aliás, é que todos nós nos encaminhamos para lá. Era mesmo superior em nome a de São Paulo, que depois, na década seguinte já mudava, depois ficaram ambas, São Paulo e Rio em equivalência. E hoje está tudo generalizado, hoje não se sabe qual é a melhor uma do que a outra, todas são boas desde que o aluno seja bom. A condição é o aluno. Então, quando foi no final do primeiro ano, eu já fui correndo para lá. Pedi a ele que eu queria ser interno, interno já no segundo ano.

SK - Era clínica cirúrgica?

LR - Clínica Cirúrgica. Agora vou contar um detalhe. Eu então me inscrevi, fui aceito, eu com mais outros foram para lá, que eu não conhecia, só um daqui que foi também para lá. Então o serviço dele funcionava diariamente de sete da manhã até terminar, não tinha hora de terminar. Era até meio-dia, uma hora. Segundas, quartas e sextas eram dias de cirurgia. Terças, quintas e sábado era de ambulatório, de clínica, clínica médica e clínica cirúrgica. Por que? Porque o estudante tinha que saber tudo, podia não saber bem, tudo, porque saber bem, tudo, implica saber as especialidades, hoje. Na época não existia as especialidades como existe hoje, existiam pouquíssimas. Era a clínica cirúrgica, clínica médica, pediatria e ginecologia com obstetrícia.

SK - Cardiologia não existia ainda?

LR - Dentro da clínica médica. Urologia, dentro da clínica médica, depois separou. Ortopedia, traumatologia dentro da cirurgia, depois separou, era assim. Tão logo fui advertido pelo chefe: “você tem que se apresentar dia 1º de janeiro, o seu curso começa 1º de janeiro e termina 31 d dezembro. 12 meses ininterruptos por ano.” “Sim, senhor.” “está de acordo?” “Estou de pleno acordo”. Diz ele: mas você tem 30 dias de folga durante o ano. “Ah, é, como funciona isso?” “Nesses dias 30 é para você fazer as provas da faculdade, para adoecer, para visitar mamãe e papai.” Desse jeito. “E para chegar atrasado” “Sim, senhor”.

TR - Rigoroso.

LR - O rigor vem depois, dentro da enfermaria. Isso era o primeiro rigor, o segundo rigor já trabalhando era roupa branca, casquete, chamava casquete o gorro branco, jaleco branco, calça branca, sapato rigorosamente branco limpo, porque tinha branco sujo. Quando chovia salpicava, salpicava lama também, então, rigorosamente. Unhas cortadas, não pode fumar. Você bebe? Não pode beber para trabalhar aqui. Não pode sentar nos leitos para colher a história do doente, fora as atribuições que nós tínhamos que fazer com os doentes, até [lavagem intestinal] nós tínhamos que fazer, para aprender. Vocês aqui aprendem o abc da cirurgia, o restante vocês vão fazer fora. Na realidade, o segundo, terceiro e quarto ano, eu, como todos os demais, passei nos ambulatórios, em clínica cirúrgica e em clínica médica fazendo também. Por que? Ele não era de clínica médica, mas ele exigia também que a gente frequentasse, [servisse] em clínica médica, aprender também.

SK - Quem era o catedrático de clínica médica, os catedráticos, o senhor lembra de algum nome?

LR - Lembro... Já já eu falo.

SK - Depois a gente vê. Está registrado aí, depois a gente vê. Vamos voltar ao ambulatório.

LR - Entrei nas cirurgias com anestesia local. Nós aprendíamos a fazer. Até fimose era feito em ambulatório, até pequenos mamilos hemorroidados era feito em ambulatório, todo isso, abscessos, debridações de feridas, tudo isso nós fazíamos. Então, nós tínhamos uma movimentação muito intensa durante os dias. Já no quinto ano, nós passávamos, deixávamos os ambulatórios, passávamos para a enfermaria em si. Eu dirigia três leitos, outro diria três ou dois. E era responsável integralmente por tudo com relação aos leitos, tudo. A gente não podia fumar, era proibido, mas nenhum médico ali dentro podia fumar. Doente tinha que ser respeitado, tratado pelo nome, não podíamos sentar na cama, tinha que ficar em pé, era o sistema alemão que ele aprendeu, em pé colhendo os dados, pedindo, medicando sob orientação de um assistente que por sua vez tinha orientação dele. Então, era realmente, o melhor serviço de cirurgia para estudante. Só não aprendia quem não quisesse ou quem sáisse de lá antes de terminar. Coisa que nunca aconteceu, de alguém sair de lá, antes de concluir. Ele tinha uma certa simpatia por mim, não demonstrava, mas eu soube depois pela Lígia que era filha dele, ela era adolescente, que ele falava em casa: todo estudante bom, compenetrado. Tanto que quando eu operei a primeira vez lá, eu como estudante de sexto ano, operei uma hidrofélia e logo depois uma vesícula biliar, como estudante, mas assistido pelo assistente, mas ele acompanhava. Nós éramos obrigados a descrever, ele olhou, observava tudo. Ele me perguntou, me chamou lá: você anda operando aqui por fora? Porque era hábito, às vezes, o assistente levar algum estudante para um hospital ou outro para ajudar. “Você não vai com ninguém operar aí fora?” “Não senhor”. Eu pensei que era uma reprimenda, que ele estava... Será que eu fiz a coisa errada? “Eu gostei da sua cirurgia, da sua habilidade, seus cuidados, tudo mais” A segunda vez que eu recebi um elogio foi quando eu fiz um diagnóstico difícil de [úlcera duodenada]. Na época os exames que existia era raio X, só, não existia endoscopia com facilidade. Eu sustentava na discussão dos casos, porque nós fazíamos a discussão dos casos, todos, que era uma úlcera duodenal não [?]. “Mas, por quê?” Pela história clínica dele, pelos tempos. Eu disse alguns detalhes mínimos na história dele. E às vezes a gente é propenso a acreditar que isso seja nulo. Hoje a gente não dá valor a isso porque, mal o

doente já diz que tem alguma virose ou salivação, a gente já manda ele para endoscopia, a endoscopia já vem úlcera gástrica duodenal, sem a gente ter o trabalho de esmiuçar. Mas na época não tinha nada disso. Ele mesmo diz, bem, esse caso, eu mesmo vou operar, e você vai ficar ao meu lado que eu quero ver se você está certo ou errado. Eu torcendo para todo mundo estar errado e eu certo. No fim ele operou. Aí ele me mostrou, está vendo aqui a cicatriz, é duodenal; eu estava certo. Mas a minha surpresa veio depois, ele comprou um livro de um argentino de cirurgia, esqueci o nome dele também, o livro intitulado “Ao lado dos meus doentes, “Al lado de mis enfermos”, para demonstrar o reconhecimento dele de que eu estava certo, deu aquele livro [?] “Al lado de mis enfermos”. Sumiu na mudança, não consegui achar mais, e também não encontrei mais. Bom, então o curso, eu para vir a Goiânia, ficava dois, três dias aqui e voltava. Levava quatro dias de trem, para vir, e quatro para voltar. Ficava dois, três, quatro dias, voltava outra vez.

DM - Isso a sua família já estava em Goiânia...?

LR - Já tinha mudado para cá. Aí me lembro de uma coisa: nunca cheguei com mais de 16 faltas durante o ano, das 30 faltas que eu poderia ter, eu chegava sempre [?], porque eu tinha medo de chegar em dezembro e adoecer, chegar atrasado, fui economizando. Único dia que permitia, que fazia uma escala era 25 de dezembro, Natal, fazia um sorteio, quem viria a enfermaria, quem podia ficar fora. Fora disso, não tinha conversa. Bom, o serviço deles devia ser: aqui vocês aprendem o abc da cirurgia, claro que vocês vão ter que progredir muito e fazer muito mais fora, mas aqui é o abc da cirurgia, como também das anestésias que a gente fazia, que era anestesia local ou peridural ou raqui. Mas também [uma coisa] quem não temer condições morais, não fica no meu serviço. Então a gente tinha que ter uma conduta ilibada pelo menos para ele, fora de lá. Porque, é claro, oportunidades: enfermeiras, auxiliares, as enfermeiras que dominavam eram irmãs da ordem..., bom, tinha muitas irmãs bonitas, mas a gente só podia olhar [?], auxiliares de enfermagem, a gente também só podia olhar. Ai daquele que tivesse intenção de convidar para alguma coisa e ele viesse a saber. Uma ocasião um assistente, ele tinha cinco assistentes, um assistente soube que eu comprei uma coleção de livros de cirurgia. Ele tinha que ver qualquer coisa, me pediu a coleção emprestada por 24 horas, por um dia. Eu comprei a prestação, pagando por mês, não me lembro quanto, da editora Guanabara, famosa Guanabara da rua do Ouvidor. Comprei, não me lembro quanto pagava por mês, mas sei que levei um tempo enorme para pagar. Emprestei a coleção para ele porque era meu assistente, com quem eu tinha que estar sempre em contato, e esse assistente nada de me devolver os livros, passaram três dias, eu cobrei: estou precisando de estudar. “Ah, eu trago”. E nada, passou uma semana, nada, todo dia: “esqueci, vou trazer, não estava em casa”, dava desculpas, eu estou levando a coisa à sério, pensando que realmente. Quando alguém me alertou: olha, ele costuma fazer isso, não devolver. Eu vou ter que falar com o chefe. Eu vou me indispor com o assistente, de quem eu preciso aqui dentro, mas eu vou ter que levar ao conhecimento porque eu tenho que estudar e não tenho como, não posso comprar outra coleção.

TR - Não tinha nem acabado de pagar essa.

LR - Não, estava começando a pagar. Aí falei com ele: professor, o Finélio, me pediu uma coleção de livros de cirurgia que eu comprei para estudar, e já faz tantos dias, 10, 15, por aí, - não sei mais – eu gostaria se o senhor poderia conversar com ele. Na hora

chamou fulano, na minha frente, ele não perguntou nada ao Finésio: “Finésio você tem 24 horas para devolver os livros do Rassi”, me chamava de Rassi. “Sim senhor, sim senhor” -Eu já tinha assinado meu livro para evitar dúvidas -, no dia seguinte os três volumes sem a minha assinatura. Ele teve que comprar.

SK - Ele tinha perdido?

LR - Vendeu. Vendeu meus livros para fazer dinheiro. Por quanto, não sei, mas deve ter vendido bem mais barato do que o preço que ele é. “No mesmo dia, depois de 24 horas, se você não devolver os livros, você já está desligado do meu serviço, desligado.” Falar isso para um assistente que estava lá há anos, não era fácil. Porque comigo só trabalha quem tem condições Moraes também. Nem perguntou a ele: é verdade que o Rassi emprestou para você? Não, acreditou. E ele não discutiu também, não negou. E todo mundo tinha, mais que um respeito, o medo associado de perder inclusive o lugar.

SK - Dr. Rassi, o senhor estava falando que ele tinha uma forte influência alemã. Como era essa coisa da influência alemã na medicina, nessa época?

LR - A medicina alemã na década de 30, 40, era a medicina dominante, pelo menos a cirurgia era dominante no Rio de Janeiro, mas do que a francesa. Que a nossa cultura, [sedimentada] aqui, ela mais seguia a linha francesa, mas ele seguia a linha alemã, a cultura cirúrgica alemã. Ele fez estágios prolongados na Alemanha, na década de 20, década de 30. Toda vez que ele podia, ele saía e passava lá uma temporada, ele também falava alemão. E trazia de lá as novidades.

SK - Mas era uma coisa específica para a cirurgia ou na medicina como um todo a influência alemã era forte nesse momento?

LR - Que eu me lembro, só que ele se referia mais a parte cirúrgica alemã. Tanto que ele sempre dizia, a medicina americana ela é a cirurgia de uma filha emancipada da Alemanha, expressão que ele usava. A cirurgia americana era a cirurgia de uma filha emancipada da Alemanha, porque ele teve também na clínica Mayo, onde nós fomos também uma temporada, mas ele verificou exatamente que a linha deles também era alemã, na época. Eles davam realmente mais importância a cirurgia alemã do que propriamente a cirurgia francesa, que eram os dois países [?].

SK - O senhor havia falado Rocha Lima? Que na verdade não tem nada a ver com cirurgia, ele era... foi um médico da área de patologia, que fez uma carreira na Alemanha e depois foi para São Paulo para o Instituto Biológico. Não era da área de cirurgia, estou perguntando só por curiosidade, porque ele tinha uma forte ligação com a medicina alemã, nessa época.

LR - Exatamente. As duas áreas fortes, de preferência dos cirurgiões, era exatamente a cirurgia e a patologia, é verdade. A ortopedia também alemã era muito forte.

SK - Agora, o ambiente da guerra, trouxe algum tipo de problema para esse vínculo com a Alemanha? Porque a gente está falando em pleno contexto da 2ª Guerra.



LR - Trouxe, trouxe. A Alemanha ficou ela toda desmantelada em todos os setores e ficou sob a colonização, entre aspas, dos Estados Unidos, Inglaterra e França. Evidentemente, que principalmente os americanos procuraram levar os melhores cientistas alemães para os Estados Unidos. Levaram [?] é uma verdade também.

SK - Ele ficou um pouco mal visto por ser...

LR - Ficou.

SK - Porque tinha isso também.

LR - Ele ficou porque ele já era conhecido mesmo no germanófilo. Ele sofreu pressões políticas, tanto que ele se filiou ao Partido Integralista de tendência nazista do Plínio Salgado. Era muito amigo do Plínio Salgado como era amigo de vários médicos, cirurgiões, no Rio de Janeiro que também era da mesma linha. Não me lembro de nomes específicos, mas ele falava que quando estourou e que Brasil declarou, alguns anos depois, também para acompanhar a pressão americana, declarou guerra a Alemanha, não foi por vontade própria do Getúlio, foi por pressão mesmo, porque Getúlio também era germanófilo, como também, principalmente Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra, dois grandes germanófilos, tiveram inclusive condecorações na Alemanha. Mas Getúlio relutou muito a pressão americana, inclusive quando veio de volta o Valdoréia veio para ver se tomava conta do governo, a mando do governo americano que era [?], Getúlio colocou ele no ministério da fazenda, que era amigo dele, muito amigo, e o Valdoréia claro, não quis atrito com Getúlio que era amigo dele. Mas o Valdoréia tinha uma linha mais americana.

SK - E o senhor nesse período, foi um período tão intenso da vida política, o senhor falou que seu chefe se filiou e seguiu essa linha. O senhor seguiu ele nessa orientação?

LR - Não, eu era tão apolítico quanto ou até hoje, porque eu não misturei nunca na minha vida a minha condição de médico com a condição de político partidário, jamais. Tive oportunidades, convites, etc, como todos os médicos que tiveram alguma evidência no meio local, tive oportunidades, mas eu nunca quis me filiar a nada, participar da vida política de nada, sempre me conduzi como médico até hoje.

SK - Mas qual era a imagem que o senhor tinha do Vargas, por exemplo? Porque era impossível não ter alguma visão. O senhor gostava dele.

LR - Eu tinha... Gostava, gostava apesar dele depois entrar em atrito... porque também Getúlio Vargas eu gostava dele porque ele era nacionalista, era patriota, não [?] e todos os ministros dele, eram também da linha nacionalista, patriótica. O erro do ditador, ele perdurar muito tempo ou querer perdurar. É a atração que tem pelo poder, todo mundo. Foi isso. É claro, uma ditadura comete erros que não se cometeriam numa democracia, só isso. É a própria condição. Agora, depois ele se distanciou também.

SK - Seu sogro?

LR - Sim, ele se distanciou da política. Ele sofreu as penalidades, inclusive foi preso como germanófilo, preso político. Só foi solto pela condição dele de professor da Faculdade Nacional e que fazia falta para o serviço.

SK - Qual foi o ano que ele foi preso, o senhor se lembra?

LR - Se não me engano 1937 ou 38. 38. Ficou pouco tempo, não perdurou muita coisa porque havia muita reclamação por parte da própria sociedade com relação a ele.

SK - E na faculdade havia muitos alunos germanófilos também?

LR - Havia, havia.

SK - Que também, provavelmente, se aproximaram das fileiras do integralismo?

LR - Do integralismo [?]. Isso era um movimento nacionalista patriótico chamado Plínio Salgado. Mas Getúlio passou a rasteira no Plínio Salgado, quando viu a força dele, uma força emergente bastante ponderável, bastante perigosa para ele politicamente, passou a rasteira. Plínio Salgado esteve em Portugal, onde ficou muitos e muitos anos e onde escreveu muitos livros. Ele era um grande literato Plínio Salgado. Falava muito bem, assisti muitas vezes palestras dele, falava muito bem.

SK - Era uma figura que [desprezava o senhor ou] admirava ele?

LR - Admirava ele, era uma figura carismática. Não durou muito tempo porque logo o eixo caiu...

SK - E aí a política foi para outro rumo.

LR - Ninguém mais quis assumir a condição de germanófilo.

SK - *Dr. Rassi, eu estou preocupada com o horário...* O senhor se formou em que ano?

LR - 47.

SK - A gente pode fazer um intervalinho agora, aí a gente continua se o senhor tiver disponibilidade, porque nós chegamos, nós ficamos tão encantadas com essa fase da sua vida, depois a gente continua para pegar essa outra. Aí o senhor aqui em Goiânia, né?

LR - Eu vou contar também como eu conheci a minha esposa. Meu sogro nunca misturou ambiente familiar dele com ambiente de trabalho na Santa Casa. Ambiente de trabalho era estritamente trabalho. Então ele dizia: vocês estão aqui para aprender, eu, para ensinar o que sei. Vocês saem daqui para a vida fora já com um conhecimento básico do abc, o restante vocês têm que fazer por si sós ou buscar em outros locais. Vocês saem não me devendo favor algum, nem eu fico também devendo favor a vocês, porque vocês prestaram serviço aos doentes. Nós vivemos em função dos doentes. Ele era um homem apesar de rígido nos conceitos dele, de cirurgia, de mestre, era também um grande humanista, respeitava o doente. Dizia ao doente, aqui dentro, você segue o regulamento, um deles diz. Não pode fumar, porque quem fuma aqui dentro tem dinheiro para ir para

fora, ficar no hospital particular. Todos que estão aqui são doentes que necessitam por não poder pagar o serviço médico. Cigarro custa dinheiro e faz mal a saúde, conseqüentemente, eu não permito. Ninguém fumava. Bom, mas a minha esposa ela era adolescente na época que eu saí de lá. Saí 31 de dezembro em 1947, no dia seguinte eu já não era mais interno do serviço dele, poderia ir em visita, mas não para trabalhar, nem para operar. Podia assistir se quisesse. Só, isso eu fiz. Quando foi para convidar, para fazer o congresso médico em 1951, novembro, eu era presidente da Associação Médica daqui, [?] fui presidente três vezes com intervalo de um período.

SK - Deixa eu aproveitar que o senhor está falando de 51 e corrigir um lapso que eu tive quando falamos disso atrás. Ministro da saúde nessa época era Clemente Mariane, não era Miguel Couto Filho. Couto filho era depois, que a gente não sabia, 53, 54. Desculpe, só para registrar.

LR - Então quando foi para fazer os convites para as autoridades, eu convidei ele como a figura máxima do congresso, porque ele tinha aqui em Goiânia, Goiás, muitos cirurgiões que passaram pelo serviço dele. Primeiro foi esse que faleceu, José Fleury, meu irmão Alberto Rassi, [contemporâneo], eu, Johnny Costa, Orlando de Machado, Eduardo Jacobson, Wilson Mendonça, Calil de Anápolis, era clínico, Calil Zacarias, de Anápolis. Pelo menos esses, passamos todos pelo serviço dele. Os que passaram pelo serviço dele eram bem conceituados como cirurgiões e bem respeitados, por ele, pela fama que ele tinha. Então, quando fomos fazer o convite, nós o convidamos como se fosse um verdadeiro patrono do congresso. E ele veio em nome dele e em nome da Academia Nacional de Medicina, na qual ele era membro, e Miguel Couto era o presidente, se não me engano. Ele veio. Trouxe a esposa e a filha, vieram de automóvel, um Chevrolet comprado na véspera para fazer a viagem. Mas ele fez uma viagem também turística, passando por todas as cidades onde ele tinha ex-alunos. Então passou por várias cidades como Uberaba, Araguari, Uberlândia, até chegar aqui, daqui ele foi para Goiás Velho visitar um colega de turma dele. Então ele aproveitou [conhecer] no congresso, e a longa distância do Rio para cá, porque nessa época já havia estradas de rodagem, péssimas, mas existiam, no interior todo. Então ele trouxe a filha, era jovem, 18 anos e [?] e ficaram hospedados no hospital do Eduardo Jacobson, que ele tinha, mal tinha inaugurado, tinha reservado dois apartamentos para ele lá, no próprio hospital. Dada a carência de leitos em hotéis. Logo de início gostei dela, mas nunca, nem abri a boca para dizer nada, é bonita, não é bonita, nada, apenas eu mantinha um namoro unilateral. (*risos*) de mim para ela. Mas a mãe dela percebeu, dona Maria, passou a maior parte da vida de viúva aqui em casa conosco, com ela. A mãe percebeu, mas também não disse nada, apenas ficou quieta, depois ela me disse. Como existia muitos rapazes na época, e eu sabia qual era o caráter deles, eu procurei protegê-la, mas já com a intenção de namorar. Ela, coitadinha, acho que nem sabia de nada, era muito ingênua, muito jovem, não estava tão... Essa foto que você viu naquele livro, eu fiquei ao lado dela...

TR - Estrategicamente...

LR - Estrategicamente, tomando conta dela. E fui realmente um protetor a distância, dela. Bom, em 52, convidei para almoçar em casa, ela a mãe, todos, para almoçar em casa, minha mãe era viva, meu pai também, comida árabe, só fazia comida árabe. Gostaram demais e era gulosinha, era gulosinha, era um pouquinho gordinha, era rechonchuda ou rochonchuda, ali dá para ver. Ela tinha 20 anos apenas, eu 33 ela 20. [?] aí em 52, se não

me engano, fevereiro ou março, eu fui ao Rio e fui fazer uma visita a ele no consultório dele, esperando que ele me convidasse para alguma coisa lá. Ele então, me convidou para tomar uma cervejinha na casa dele, no sítio de Jacarepaguá, em 1952. Era longe prá danar.

## Fita 2 - Lado B

LR - É casa.

TR - Ainda é uma casa?

LR - É o que eles chamavam, sítio..., uma casa bonitinha, com piscina e coisa, me convidou. Mas ele era tão sistemático que não avisou a filha que eu estava. E a esposa dele, a dona Maria, doida para um encontro.

SK - Então ela estava ao seu lado?

LR - Sim. Por isso que eu adorava ela. (*risos*) Aí me convidou para uma cerveja, saiu uma cerveja nova, faixa azul. Mas eu fui com meu primo que morava já no Rio, mais velho do que eu, já era casado. Eu fui, não sei o dia, mas deveria ser um sábado. Fomos até lá, indo pelo Leblon, pela Tijuca, não existia via de acesso. Longe, passamos, tudo inóspito na época. Fomos, chegamos lá, nos recebeu, logo de pois estou esperando a menina chegar e nada, logo depois chega minha sogra, que foi minha sogra: “Ah, você está aqui, a Lígia foi passar o fim de semana com a tia em Petrópolis, ela vai ficar muito zangada porque não sabia. Pedro, por que você não falou que o Rassi vinha aqui” Nem para a mulher ele tinha falado. Ele era tão escrupuloso.

SK - Mas ele fez isso porque ele já desconfiava que o senhor estava interessado?

LR - Não.

SK - Ou porque ele protegia ela?

LR - [Ou isso, qualquer coisa existia], ele não fazia restrição.

SK - Isso que eu pensei, o senhor era um discípulo dileto dele.

LR - Era. Um dos diletos, mas eu era bem, bem [?] como sério, bom, trabalhador, dedicado, eu sabia que eu era diferenciado para ele, mas nunca me convidou para a casa dele, nunca me chamou para nada. Só uma vez quis me dar carona no carro dele da Santa Casa para a cidade. Eu agradeci, mas falei que ia ficar mais tempo por lá. Mas aí, ela rapidamente telefonou para a filha. Eu deixei meu telefone. Estava na pensão com meus irmãos, [?] nós viemos em 43. Está bom, eu já tinha comprado uns bilhetes para viajar para a Argentina, era a primeira viagem que eu ia fazer fora do Brasil. Eu e um colega que estava lá, eu convidei: você não quer passar um fim de semana, um dia lá na Argentina? “Só que não tem dinheiro.” “Eu empresto para você”. Aí emprestei. Quando ela veio, nessa altura a mãe já tinha falado com ela: o Rassi gostou de você, seu pai gosta muito dele e eu gosto dele.

TR - Ela, de certo, também gostou do senhor...

LR - Todo mundo gostou. Então o campo estava aberto. Ela chegou [?] de Petrópolis, telefonou para mim. Eu não estava na hora na pensão, mas meu irmão Raul foi quem recebeu o telefonema dela. Raul estava no quinto ano de medicina, ela chamando ele de Dr. Raul, já. “Dr. Raul, o Luiz está aí?” Eu já era médico. Me chamou de Luiz. Quer dizer, já tinha uma certa inclinação em mostrar uma certa intimidade. Então Raul, rio, rio, rio, disse: você virou Luiz e eu virei doutor. Peguei o telefone conversei com ela. Estou viajando para a Argentina naquele dia, mas eu volto tal dia, aí vou na sua casa. Fui e fui lá na casa. Aí começamos o namoro. Aí a cada mês, eu ia para o Rio, pegava o avião. Custava mil ou 1.200, equivalente a reais. Meu irmão Alberto chegou um dia para mim e disse: Luiz, está ficando muito cara essa sua vinda ao Rio, casa de uma vez. Eu vou esperar primeiro você, depois eu.

SK - Isso era... o namoro começou em 52.

LR - 52, mas começou assim muito leve. Única visita era na casa, não saía. Namoro em casa, os costumes da época, o rigor com que ele educava os filhos, não me permitia convidá-la para sair, ir a um cinema, qualquer coisa. Era visita, quase que formal, mas era uma visita já com segundas intenções. Claro que todos perceberam isso. Durante o ano, quando foi logo no início de janeiro, em 53, já tínhamos firmado, ele tinha adoecido com crise de hipertensão e uma úlcera que sangrava. Ele estava no Hospital Paineiras, tinha uma casa de saúde lá...

SK - Silvestre?

LR - Silvestre. Ele estava lá passando uns dias de repouso. Eu fui para lá. Aí firmamos o namoro. Foi a primeira vez que eu cheguei para ele, ele sentada, eu cheguei, ela ficou um pouquinho distante, eu falei com ele que eu estava ali, fazer uma visita a ele, mas também estava ali para pedir a mão da Lígia em casamento.

SK - É uma história muito bonita, Dr. Luiz. O senhor quer parar um pouquinho, né?  
(pausa)

SK - Estamos retomando aqui nossa entrevista depois de um almoço delicioso, estou gravando aqui, registrando, que depois de um almoço delicioso na companhia de suas filhas, que são muito simpáticas, vamos continuando aqui a nossa conversa. A gente queria saber um pouco, o senhor veio para Goiânia para o hospital, para a clínica Rassi?

LR - Casa de Saúde Dr. Rassi.

SK - Que era do seu irmão Alberto, aí o senhor já contou que foi trabalhar lá com ele. Não é isso?

LR - Fui trabalhar com ele. Ele, num dia qualquer, logo no início, já tinha passado a Casa de Saúde no meu nome, no nome dele, os dois.

SK - Isso em que ano?

LR - Quando eu vim, em 48, mas ele tinha a Casa de Saúde desde 1943. Primeiro se chamava Serviço Médico Cirúrgico, depois fez uma ampliação, transformou em Casa de Saúde Dr. Rassi, porque a população local, já denominava o serviço, Casa de Saúde Dr. Rassi. Aí virou. Não porque ele quisesse colocar o nome, a própria população já dizia: a casa de saúde Dr. Rassi. Da mesma forma, quando nós concluimos pela metade o hospital, hoje, Hospital Alberto Rassi, Hospital Geral de Goiânia Alberto Rassi, o nome Alberto Rassi, foi dado pelo governador há dez ou doze anos atrás, em homenagem a ele, que já tinha falecido, menos de dez anos um pouquinho, que ele faleceu em 97, foi logo depois. Também esse hospital era para ter sido o nome dele São Salvador, em homenagem a um irmão falecido com esse nome de Salvador, mas não adiantou nós querermos fazer São Salvador que o público já tinha batizado o hospital, Hospital Rassi, Hospital dos Rassi, e ficou então Hospital Rassi.

SK - Mas não teve um período que se chamou São Salvador?

LR - Agora tem, é outro hospital.

SK - Ah, é outro. Porque quando eu tive aqui uma vez, eu fui nesse...

LR - Hospital São Salvador. Esse é de pequeno porte. Daqui a gente vê o hospital Alberto Rassi, hospital de grande porte.

SK - Eu tive lá quando eu fui conversar com Dr. Anísio, é um hospital belíssimo.  
(pausa)

LR - No mesmo alinhamento, mais para cá, daqui de casa, fica na outra esquina, o ma frente voltada para Av. Anhanguera, para uma praça. Mas quando eu vim então para cá, logo fiquei sócio com meu irmão. Enquanto isso, os meus irmãos já estavam na faculdade, no Rio de Janeiro, e se formaram todos eles em 1953 e outros em 54. E vieram já direto para o Hospital Rassi, que nessa altura, tanto a Casa de Saúde estava funcionando, quanto este grande. Nós desativamos a Casa de Saúde Dr. Rassi, assim que começamos a operacionalizar o hospital, o antigo hospital Rassi.

SK - Que começou se chamando hospital...

LR - Rassi. Desde o início, Hospital Rassi. O nome não pegou, São Salvador. Depois que vendemos o Hospital Rassi, fomos, eu digo, talvez, forçando a expressão, talvez compelidos pela própria contingência da época em que nós já lutávamos com uma certa dificuldade para concluir a outra metade do hospital, porque era demasiadamente grande para as necessidades da época. Aí apareceu a oportunidade de venda, porque já se falava na unificação dos institutos de previdência social, de assistência e previdência social. Houve então uma proposta, de aquisição, em 1961 ou 62, e as negociações se prolongaram até 1964, quando fechamos o negócio. Então o hospital Rassi funcionou de dezembro de 1959 até outubro de 1964. Inclusive a cirurgia inaugural foi feita em dezembro de 54. Eu mesmo fiz, meu irmão, essa cirurgia. Inauguramos, funcionamos muito bem durante cinco anos. Mas nós estávamos também já cansados financeiramente. Porque? O que produzíamos não dava para ir tocando em ritmo maior o restante da obra, a conclusão. Foi aí que veio a idéia de pedirmos um empréstimo ou financiamento para concluirmos a

obras ao Instituto IAPI – Instituto dos Industriários. Na época, todos os institutos funcionavam no Rio de Janeiro. Era presidente dele um médico. José Raimundo Soares [?] de Itabetiro, Minas Gerais, amigo particular do presidente Juscelino, que o colocou lá, como presidente do IAPI. Quando um deputado de Goiás, também amigo dele, ele era mineiro, amigo dele, intermediou a negociação no sentido de financiar um empréstimo, havia realmente uma dificuldade de ordem internado IAPI, mas encontrou a fórmula, desde que... Aí já vem a história de Brasília, desde que nós déssemos alguma assistência em Brasília, pela nossa Casa de Saúde Dr. Rassi, em 1956.

SK - Esse acordo foi feito em 56?

LR - Foi. Eu dou as datas já já também. Quando eu recebi a comunicação que o presidente do IAPI gostaria de conversar comigo ou com meu irmão, mas eu era mais disponível, vamos dizer, para essa movimentação. Meu irmão sempre ficou na parte administrativa do hospital. Eu tinha uma certa mobilização mais fácil. Eu então fui ao Rio de Janeiro dia 14 de dezembro de 1956. Fui na companhia desse deputado que era meu amigo e amigo dele. Esse deputado era daqui.

SK - Como se chamava ele, o senhor lembra?

LR - Geraldo Rodrigues dos Santos. Era deputado do PTB a mesma sigla do outro que dava apoio ao PSD do Juscelino Kubitschek. Bem, estivemos então na sede do IAPI no Rio de Janeiro, ali na esplanada do Castelo, e no momento que nós chegávamos ou chegamos ao gabinete, o presidente, no momento que começamos a conversar, toca o telefone, era o presidente Juscelino Kubitschek cobrando já do presidente do IAPI assistência médica em Brasília. Porque o Israel Pinheiro já estava pedindo urgência na assistência em Brasília, porque o número de operários estava crescendo e a assistência médica se fazia necessária para atender os operários das obras. Havia evidentemente muitos ferimentos, contusões, fraturas e outras coisas mais dos operários. E havia urgência. Enquanto ambos conversavam, eu fiquei aguardando com esse meu amigo Geraldo. Pouco depois, volta ele, que o telefone era sigiloso, ficava numa gabinete fechado dentro do próprio gabinete do presidente. Todo assunto sigiloso ele passava para lá, cabine fechada. Assunto não sigiloso ele atendia na mesa.

SK - Que interessante, eu nunca tinha ouvido falar isso, que coisa engraçada. Tinha uma cabine para... ele se fechava na cabine e ficava lá falando? Vocês deviam ficar morrendo de curiosidade para saber. Quem estava na sala. Não precisava sair da sala, não era isso, ficava lá vocês sentados, vendo ele lá na cabine, falando no telefone.

LR - Via, porque tudo era envidraçado. Bom, mas quando ele saiu da cabine e veio ao nosso encontro, ele virou para mim e falou assim: bem, o empréstimo vai ser concedido, mas condicionado a sua assistência médica em Brasília, da sua Casa de Saúde. Foi fechado o negócio. Só me dá alguns dias de prazo. 14 de dezembro 1956... Desculpe, não é 14, 14 foi quando [?], a primeira semana de dezembro, talvez dia 4 de dezembro. Eu quero fazer essa retificação porque são duas datas importantes: uma no início de janeiro e a outra que ele foi, realmente, dia 14 de dezembro de 56. Aí falei, como nós fazemos? Pode preparar os papéis. Primeiro, a documentação com as plantas todas do hospital. Naquela época não existia formas de fazer cópias, copiadoras, não existia. Então teria que fazer novas plantas, copiar novas plantas, elaborar novas plantas, a mão; isso era

problema do arquiteto com o engenheiro. Está bem, faremos isso. Mas dada a pressa que nós tínhamos e dada a pressa que ele tinha da assistência, nós pegamos todos os originais, porque já considerávamos o negócio fechado; e depois haveria devolução dos documentos. Entre o dia, possivelmente dia 4, da primeira semana de dezembro, e o dia 14 nós preparamos tudo aqui para darmos assistência em Brasília. A Casa de Saúde ficava à disposição dos casos de internação. Mas de que forma teria que fazer essa internação, se não havia meio de comunicação fácil, por terra. Porque toda aquela em torno de Brasília, da cidade, é zona montanhosa, cuja altitude varia de 800 a 1.200 metros, cheia de curvas, cheia de dificuldades, estrada de terra, dezembro é época de chuva, muita lama, muito difícil; então tive que conversar com o governador Juca Ludovico, José Ludovico de Almeida. O governo de Goiás estava todo ele montado para, com sua estrutura voltada para a construção de Brasília, inclusive com uma comissão daqui, de Goiás, para trabalhar juntamente com a Novacap na questão da desapropriação dos terrenos em volta. Que tudo era Goiás. Só existia, de fato, a quadriculação, mais na forma de um retângulo do Distrito Federal, do que seria o Distrito Federal. Então nesse período, nós nos preparamos na casa de Saúde, preparei um enfermeiro, esse que foi, cujo nome me foge agora pelo tempo, e o Dr. Edson Porto, que nessa altura trabalhava conosco na Casa de Saúde. E dia 14, o superintendente do IAPI local, Dr. José Hermano Sobrinho, advogado, ele estava incumbido pelo presidente do IAPI Nacional de dar toda a cobertura da instalação do serviço junto conosco ao pagamento do contrato; elaboramos um convênio quase que de emergência, para irmos com urgência para Brasília. Então do dia inicial do encontro no Rio de Janeiro, com a presença desse deputado, até a ida formal para Brasília e instalar o serviço, que foi dia 14 de dezembro de 1956. Eu creio que no máximo passamos de oito a dez dias nessa tramitação. Estivemos então em Brasília, quatro, eu representando a Casa de Saúde Dr. Rassi, responsável pela assistência médica em Brasília; Dr. Edson Porto, o médico que nós contratamos, recebia de nós para dar assistência ambulatorial. O enfermeiro como seu auxiliar. E o Dr. José Hermano como o representante do IAPI Nacional. Em Brasília, Israel Pinheiro já estava orientado e determinou já um local, que era, vamos dizer, uma sala, mas uma construção única, porque você viu na fotografia. Como se fosse um galpãozinho, tudo de madeira, tinha uma porta na frente e uma janela. Fomos recebidos pelo Israel Pinheiro no dia 14 de dezembro, no Catetinho. Você já desceu lá?

SK - Fomos lá.

LR - No Catetinho. Nesse dia, Israel Pinheiro estava acho que de mau humor, ele já era mal humorado, normalmente, não era muito de bom humor; mas era uma ótima pessoa, excessivamente trabalhador, excessivamente amigo do Juscelino e foi quem deu realmente a sustentação na Novacap para a instalação de Brasília. Era excessivamente exigente. E somou com o engenheiro Bernardo Sayão, que era o diretor técnico, e o Dr. Ernesto Silva, médico que funcionava na função de diretor administrativo da Novacap. Esse triunvirato ou trio de personalidades realmente constituíam o sustentáculo, a base para a construção da nova capital. Nessa época já tinha sido criado a Novacap e os trabalhos da infra-estrutura estavam sendo tocados a todo vapor. Inegavelmente a gente tem que reconhecer o alto espírito patriótico desse pessoal, dessas três personalidades, incumbida pelo presidente Juscelino Kubitschek que não os deixava também tranquilos., Porque volta e meio o presidente estava em Brasília, aparecia volta e meia, sem menos avisar; descia no Catetinho e dali ia para as obras. Ele acompanhando o pessoal da Novacap, fazendo as inspeções na construção, na movimentação de terra, que era uma



maravilha para quem gosta de ver iniciativas de grande porte como foi essa epopéia da construção de Brasília, uma verdadeira epopéia.

SK - O dia que o senhor chegou lá, esse dia 14 de dezembro, qual foi a sua impressão, o senhor lembra, o que o senhor viu quando chegou lá?

LR - Só mato na minha volta e o Catetinho no meio do mato. Eu fiquei impressionado com o entusiasmo deles, muito maior do que aquilo que estava sendo feito. Por que? Considerando que Goiás era e é um estado em que nós podemos dividi-lo ao meio de norte a sul, vamos incluir agora o Tocantins, na época era Goiás, de norte a sul, dividi-lo pelo rio Tocantins, o lado direito, o leste de Goiás era muito pobre, suas terras são ricas em minérios, porém pobres para fins agrícolas ou de pecuária; já o lado esquerdo, entre o Tocantins e o Araguaia, as terras são mais adequadas, mais próprias para a agricultura e pecuária, existe poucas jazidas de minérios. Então era uma região habitada por um bem menos gente do que do lado esquerdo. E o que chamava a atenção era a escolha do sítio, numa região mais inóspita, mais bruta, mais sem facilidade de comunicação, e o que mais chamava também a atenção era o lado contrário, o entusiasmo não apenas do pessoal da Novacap, como do presidente Juscelino e a comitiva que sempre acompanhava, como dos próprios trabalhadores, que nessa altura vinham de todas as partes do país, principalmente do norte e nordeste.

DM - O que o senhor achava dessa idéia de transferência da capital, de interiorização da capital, o que o senhor achava disso na época? Já tinha ouvido falar do projeto, foi a primeira vez?

LR - Eu sempre fui entusiasta dos grandes movimentos de desenvolvimento econômico e populacional.

DM - O senhor achava que a construção de Brasília era um marco...?

LR - Era um ideal que devia ser perseguido até a sua construção, até o término. Porque? Desde aquela época, achava que a distribuição de médicos no Brasil estava mal colocada, sempre seguindo o litoral, porque os médicos não saíam das grandes capitais ou ficavam nas proximidades das grandes capitais, inclusive dos estados mais próximos do litoral. Enquanto que o interior era totalmente abandonado a própria sorte. Eu acho que o governo federal também não tinha condições econômicas e financeiras de poder propiciar todo o Brasil em desenvolvimento, porque ainda tinha muita coisa a consolidar próximo do litoral, que não estava ainda consolidado, principalmente o interior ou o oeste brasileiro. Eu sempre fui um entusiasta, porque acompanhei desde o início da declaração de Juscelino Kubitschek quando em, se não me engano, em Jataí, ele proclamou que eleito presidente, ele iria providenciar imediatamente a mudança da capital.

TR - Antes disso o senhor nunca tinha ouvido falar nesse tema?

LR - Já. Existiam várias tentativas, mas todas frustradas pela dificuldade de acesso. E a região, realmente, era apropriada para uma capital. Curiosamente no perímetro do Distrito Federal existem o início das três grandes bacias. Bacias hídricas, Bacia Amazônica, Bacia de São Francisco, Bacia do Prata. Todas essas três bacias, as três únicas bacias do país, uma no extremo norte, a outra no leste e a outra no extremo sul. Todas essas três bacias

nascem em Brasília, no Distrito Federal. Eu assistia, na ocasião, um amigo, cujos filhos era médicos, em Formosa, e el então me levou para um determinado ponto e disse para mim: Luiz, olha aqui, desse ponto onde eu estou, se eu atirar ao mesmo tempo três pedras, com três objetos, uma para o norte, outra para leste, outra para o sul, eu atinjo as três bacias do Brasil. Aí eu fui procurar no mapa geográfico e realmente ele tinha razão, as três bacias nascem ali. Então, eu era um grande entusiasta porque eu também via sob o aspecto do desenvolvimento populacional, econômico e social do estado de Goiás. Eu não tinha pretensões de sair de Goiás. Minhas raízes desde 1924 foram aqui em Goiás, continuaram sendo, continuam e vão continuar até o fim. Então eu era, além de entusiasta, era um pregador dessa mudança. Não tive participação alguma, nem com missão alguma, em nada, apenas com, vamos dizer assim, membro de um clube de Rotary, que teve participação, através de indicação de nomes, uma participação indireta na indicação.

SK - Na indicação de nomes...?

LR - Para conseguir a comissão pró [?] em nova capital.

SK - O Rotary Clube indicava nomes, aí teve uma participação...

LR - Uma das instituições que indicava.

SK - Quais eram as outras?

LR - O próprio governo do estado de Goiás, e creio que a própria maçonaria também.

SK - E a Associação Médica de Goiás?

LR - Não, nesse particular... Se bem que eu era presidente, mas não foi solicitada.

SK - O senhor era presidente desde quando da Associação?

LR - 1950.

SK - Ela foi criada...?

LR - 1950.

SK - Então o senhor foi criador e presidente?

LR - Foi.

SK - Essa Associação, os médicos que estavam nessa Associação, também como o senhor, advogavam essa mudança da capital?

LR - Todos advogavam a mudança, porque a mudança era vista como altamente benéfica para o estado todo. Em 1950, segundo [?] que eu tenho, Goiás tinha pouco mais de um milhão de habitantes, um milhão e duzentos, a um milhão e trezentos o estado todo. E eu radicado aqui, praticamente nasci, aos quatro anos eu não significava nada para o país de origem, significava para onde vim e para o estado onde estava. Então eu via granes

possibilidades para o desenvolvimento global do estado. Então, somava com todos aqueles que eram ou estavam diretamente envolvidos nesse processo de mudança de constituição da nova capital do país. E, de fato, ela representou, representa e ainda vai continuar representando, por muito tempo, um pólo de atração de populações do norte, nordeste e do sul do país.

SK - O senhor falou uma coisa que me chamou atenção: que a transferência da capital para o interior seria um meio também de disseminar a medicina inclusive, nessas áreas que eram pouco servidas de médico. O senhor na época tinha isso como uma idéia?

LR - Sim, não tem dúvida. Aí é questão mesmo da gente raciocinar em termos de desenvolvimento social. Em Goiás, talvez, 70% dos municípios do que a média, vestiam, não saiam da cidade de maior porte. A cidade de maior porte não passava de 12 a 15 ou 20 mil habitantes. Não passava. Então havia uma desproporção entre o número de habitantes globalmente com relação ao estado e o número de médicos. Hoje, o estado de Goiás está muito bem servido de médicos, o estado. Nós temos oito mil médicos militando no estado de Goiás, oito mil médicos para uma população de aproximadamente seis mil habitantes. Isso equivale dizer que nós temos aqui, um médico para pouco menos de 800 habitantes. Mas ainda existe algumas distorções, dentre essas distorções é que existe ainda municípios muito pobres situados em pontos distantes do estado que não dispõem de médico e se dispõem num raio, talvez de 50 quilômetros aproximadamente. Mas já é um índice muito bom e uma perspectiva a médio prazo de consolidar a proporção de um médico para menos de mil habitantes, que é recomendado pela ONU e a Organização Pan Americana de Saúde, que o mínimo seria um para mil. Nós temos aqui o privilégio de ter um para menos de 800.

SK - Eu queria voltar um pouco. O senhor falando quando o senhor chegou lá em Brasília, o senhor encontrou, o senhor viu o Israel Pinheiro, quem mais o senhor encontrou lá nesse dia tão importante?

LR - Bem, de vez em quando, eu fujo um pouco do centro do meu raciocínio...

SK - Não, não foge não, a gente está sempre...

LR - Primeiro que não estou lendo nada para seguir uma cronologia, segundo que a nossa conversa é tão informal que me permite fazer algumas divagações paralelamente a isso porque...

SK - E se eu interromper o senhor, se o senhor quiser falar mais, o senhor fale para mim: não, deixa eu terminar.

LR - Essas divagações, às vezes são benéficas porque dá um pouquinho de tempero na entrevista, né?

SK - Claro, claro.

LR - Então, quando chegamos em Brasília, estava de pé, esperando o avião, Israel Pinheiro, morava lá no Catetinho, se não me engano, morava lá. E se não morava, pelo menos, ele fazia do Catetinho encontro de recepção. Mas, quando chegamos, ele

imediatamente acionou os auxiliares dele, e fomos direto para o local onde seria o serviço médico de Brasília. Fomos todos de carro para lá, lá apresentei, evidentemente, o médico que ia ficar, permanentemente, o enfermeiro, então eu disse a ele que nossa Casa de Saúde ficava na retaguarda para receber por avião, que já tinha sido feito um acordo com o governador na época, dele ceder o avião, e com muita facilidade, ele colocou a disposição nossa os aviões do estado para o transporte que se fizesse necessário, inclusive, levar medicamentos daqui para lá. Isso foi feito durante alguns meses, sem nenhum problema, sem nenhum ônus, quer seja para nós, contratante, quer seja para o governo federal, que foi o contratado. Ou vice-versa, contratante e contratado. Funcionou bem, tanto que o serviço imediatamente colocado já com um volume bastante razoável de medicamento, de urgência, e material hospitalar de ambulatório, que nós levamos, material básico para pequenos ferimentos, curativos, suturas, coisas dessas natureza, já forma levados para lá para servir; o enfermeiro já estava muito traquejado conosco e o médico já fazia o que sempre fez, tudo numa contingência especial de ter que se virar para fazer tudo que era necessário, inclusive, encaminhar os doentes não passíveis de serem tratados em Brasília, serem internados na nossa Casa de Saúde. Havia uma troca de telefonema, ou de avisos, e nos comunicávamos sempre dessa forma. E, permaneceu ele, o Edson Porto, a frente do serviço. Eu ia periodicamente, semanalmente, uma vez para acompanhar os trabalhos de assistência e acompanhar o desenvolvimento lá. Mas quando chegamos, aproximadamente, em abril ou maio de 57...

### **Fita 3 – Lado A**

LR - Quando chegou o mês de abril ou maio, não me recordo bem, já se fazia necessário avançar bem mais na questão da assistência médica. Porque eu via que não era possível fazer um atendimento desse, a 200 quilômetros de distância, porque o número de operários crescia diariamente, as obras continuavam vertiginosamente. Os acidentes ou as necessidades de atendimento cresciam na medida ou na mesma proporção do crescimento do número de operários. Sugeri a construção de um hospital de madeira, o que foi, imediatamente, aceito pela presidência do IAPI, que imediatamente também se pôs em trabalho de projetar um hospital de madeira, o que foi feito em poucos dias. Era uma verdadeira aventura fazer um hospital de madeira. Hoje, do ponto de vista, de controle de infecções hospitalares, não se concebe um hospital de madeira. Mas as condições aqui exigiam urgência. Bem ou mal colocada essa questão e resolvido construir o hospital de madeira, o fato é que esse hospital que foi denominado de JK, ele serviu a uma população bastante numerosa, talvez uma população de mais de 50 ou 60 mil trabalhadores e famílias juntamente com os antigos candangos do Núcleo Bandeirante. Não sei que nome tem hoje o Núcleo Bandeirante, se mudaram.

SK - Continua chamando Núcleo Bandeirante.

LR - Melhor ainda, porque guarda a denominação inicial de candango, que é uma denominação pioneira.

SK - Da onde veio esse nome, candango?

LR - É uma expressão caipira.

SK - Era uma expressão que já havia, não foi cunhada por ocasião da construção da nova capital?

LR - Não. O candango talvez se referisse a uma gente pobre que viesse trabalhar para ganhar seu pão de cada dia e viver desse pão de cada dia, população que não tinha eira nem beira, não tinha casa, não tinha nada, população ambulante, comia hoje aqui, amanhã ali, dormia aqui, dormia ali, trabalhava aqui, trabalhava ali. Então, essa expressão, quer me parecer que veio dessa época, não vi até hoje no dicionário se deram algum outro nome, alguma outra interpretação. Mas a interpretação da época que eu tinha convivência de Brasília, era isso, com relação aos primeiros pioneiros que eram também tachados de piotários. Piotários é um nome que jocosamente, não no sentido ofensivo, aqueles que acreditaram e foram enganados às vezes, aqueles que acreditaram e persistiram, aqueles que iniciaram e desistiram, tudo isso se refere ao piotário. Eu seria chamado de piotário, talvez.

SK - O senhor acha?

LR - Porque fui, deveria ter talvez continuado e voltei para Goiânia. Então, não fui levado absolutamente em nada, porque meu espírito sempre estava aqui em Goiânia, minhas raízes estavam aqui, já bem profundas, e não havia intenção da minha parte. Mas eu confesso, os que foram para Brasília foram muito bem sucedido, os que persistiram e acreditaram na nova capital, e aqueles que adquiriram alguns bens imóveis na época, que era permito, indistintamente, a compra de bens imóveis que eles puderam comprar, esses realmente fizeram dessa oportunidade a grande forma deles enriquecerem pela valorização natural e espontânea da nova capital.

SK - Esses foram os pioneiros mais espertos?

LR - Mais espertos.

SK - Também jocosamente eu estou usando.

LR - Mas é verdade. Tanto que o...

SK - Mas o que é interessante, porque a gente está vindo de outras conversas também, com outros pioneiros também: Dr. Isaac Barreto, Dr. Edson Porto, porque tem uma identidade forte em torno do termo pioneiro, né, Dr?

LR - Tem.

SK - Muito forte. Vocês foram pioneiros.

LR - Fomos. Aqui em Goiânia também nós somos chamados de pioneiros. Acreditamos na capital e viemos para cá.

SK - Só que o que o senhor está me dizendo, me corrija se eu estiver enganada, que alguns pioneiros, entre aspas, tinham acima de tudo um interesse mais financeiro, legítimo de

enriquecimento. Mas muitos foram por idealismo, para de fato construir alguma coisa nova.

LR - [... dúvida]. Eu lhe diria o seguinte, talvez, a primeira intenção subconscientemente fosse o espírito aventureiro de ganhar algum dinheiro a mais, um dinheiro que talvez pudesse ser mais fácil de ganhar com valorização. Mas depois disso veio o segundo espírito que foi o que perdurou, o idealismo e o gosto por aquilo que se fez, por aquilo que iniciou e perdurou pelos anos afora. Então se o primeiro pensamento foi no sentido de ir fazer e voltar, 90% dos que vieram, fizeram, permaneceram.

SK - O senhor pensou em ficar lá?

LR - Não. Não porque nós já estávamos...

SK - Estabelecidos aqui.

LR - E com o hospital grande [?] Rassi, em andamento, não tinha nenhuma intenção de ficar lá. Tanto que o próprio Ernesto Silva na época, não sei se você se recorda hoje, mas me ofereceu uma área de cinco mil metros para construir o hospital.

SK - Um outro hospital?

LR - Um outro hospital. Não, para construir um hospital em Brasília. Se nós já não estávamos dando conta de terminar esse, abrir uma outra frente seria um suicídio.

SK - Ele já estava lá quando o senhor chegou em dezembro?

LR - Sim, ele estava. Não sei se nesse dia 14 de dezembro, ele estava lá. Só me lembro, perfeitamente, dele, depois disso. Agora, lembro que o Bernardo Sayão, Israel Pinheiro, esses realmente estavam permanentemente lá. Mesmo porque, a função dos dois era diferente. Israel Pinheiro como diretor administrativo, ele tinha muita mobilidade, muita facilidade e necessidade de ir e vir, para os contatos fora de Brasília e dentro de Brasília. Foi parte desses membros da Novacap, ele foi um baluarte que a gente tem que reconhecer, render esse reconhecimento em homenagem a ele, como aos demais que foram, que se sacrificaram, aliás, todos se sacrificaram por Brasília, não há dúvida. Eu posso dizer isso porque testemunhei Brasília desde a primeira hora. O início de Brasília foi um arrojo de trabalho dos mais humildes operários, até os mais conceituados dos determinantes: engenheiros e os executivos, todos eles, foi um arrojo. E homenagem mesmo a esses pioneiros, verdadeiros batalhadores, principalmente porque Bernardo Sayão morreu vítima do seu idealismo, vítima da sua grandiosidade de ver uma nova capital surgir.

SK - Ele faleceu vítima de um desastre?

LR - Da queda de uma árvore em plena Brasília-Belém. Faleceu. Caiu uma árvore de grande porte, atingiu ele no carro onde estava, estava separado ou não, mas atingiu o Bernardo Sayão e ele morreu. Já o Israel Pinheiro morreu de morte natural, morte da idade, porque ele já tinha alguma idade quando foi servir juntamente com Juscelino e o Bernardo Sayão em Brasília. Já o Ernesto Silva, bem mais novo que os dois. Também

deu a sua grande parcela de trabalho, de dinamismo para atender administrativamente a construção de Brasília. É verdade que ele não teve atuação na área médica, porque não era da competência dele. Se fosse da competência, evidentemente, ele teria atuado da mesma maneira, e da mesma maneira como ele atuou como administrador geral das obras de Brasília. Mas, a competência, não cabia a ele, cabia ao IAPI, assistência médica delegada pelo presidente Juscelino Kubitschek. Então nesse dia que nós estivemos em Brasília, que fomos conhecer a sala, a construção, que era uma construção talvez de quatro por dez metros, 40 metros quadrados, não me recordo bem, mas eu tenho gravado na minha memória que seria aproximadamente quatro, cinco metros de frente por uns dez metros de profundidade, 40, 50 metros no máximo, e ali funcionava o ambulatório. E funcionou durante muito tempo, não sei hoje se foi preservada essa construção...

SK - Estivemos lá.

LR - No próprio ambulatório?

SK - O que acontece? Hoje, atualmente, esse antigo hospital de madeira...

LR - Não é hospital, ambulatório.

SK - Mas não é onde era o hospital HJKO?

LR - Não, não. Não era onde é. Funcionava na Novacap.

SK - Ah, sim. O primeiro serviço médico, o primeiro lugar de atendimento médico que vocês foram para...

LR - Inaugurar.

SK - ... orientar, funcionava na Novacap?

LR - é.

SK - Ah, sim, funcionava na Novacap, aí isso que o senhor falou, depois que viu a necessidade de criar um hospital de madeira. Foi lá que nós estivemos.

LR - Esse hospital de madeira foi construído, não em mais de quatro meses, se passou de quatro meses foi questão de dias, mas foi em tempo recorde. Por quê? Por via aérea foram feitos todos os transportes de material necessário, inclusive madeira, por via aérea. Do Rio de Janeiro ou de onde, não sei, o IAPI determinou que fosse mandado. Já estava tudo esquematizado, tudo já projetado, teoricamente, então era só chegar encontrar a base pronta. Como você viu pelas fotografias, desde o início tinha uma base pronta, aterrada, socada, para receber o piso, e, em cima então dos pontos demarcados surgiu o levantamento das colunas, depois amadeira servindo de teto, nada de alvenaria, e o restante.

SK - Por que isso? Porque nada de alvenaria?

LR - Porque não havia tempo a perder. Já vinha a madeira praticamente pré-cortada. Lembra das casas pré-moldadas? Essa época já era um princípio de casas pré-moldadas. Pequenas correções tinham que ser feitas, pequenas adaptações. Mas o que veio, já veio pré-moldado para serem instalados.

SK - Com a criação desse hospital de madeira que é o hospital Juscelino Kubitschek... esse ambulatório que funcionava no prédio da Novacap, é isso? Aí foi desativado?

LR - Foi desativado.

SK - Mas esse prédio da Novacap ficava próximo, não ficava?

LR - Ficava. É um próximo de alguns quilômetros, porque tudo em Brasília é distante. Você percebeu. Não sei lhe dizer se é dois, três quilômetros, dois e meio, mas ficava um pouco distante para o nosso raciocínio atual. Mas na época não era longe porque na época tudo era longe um do outro, os pontos eram distantes. Então, o prédio de madeira, o hospital de madeira tinha um conjunto habitacional, agora não me lembro, cinco casas ou seis casas padrão. Você lembra?

SK - A gente esteve lá.

TR - Eles ainda conservam essas.

LR - Você lembra quantas casas tinha?

TR - Deve ter umas seis.

LR - É minha idéia, mais ou menos, isso.

SK - Ou mais, seis ou oito, talvez oito.

DM - Oito, três ou quatro de cada lado.

LR - Isso mesmo, frente a frente. Uma era minha, a mais próxima do hospital. A outra do diretor administrativo, um tal de Almir, ficou até meu compadre, que eu batizei o filho dele, sobrenome eu esqueci. Bom, as demais casas foram do pessoal da enfermagem. Os médicos tinham suas casas, seus locais, no Núcleo Bandeirante ou por ali mesmo, porque as casas não eram alugadas, eram oferecidas para atender as necessidades do hospital. Então, as casas serviram também para alguns deles, talvez os primeiros. Eu levei daqui para lá, mais ou menos, 12 a 15 médicos, para instalar já o serviço médico definitivo, lá em Brasília. E inauguramos o hospital, salvo engano, entre setembro e outubro de 57. Não me recordo o dia certo.

SK - A gente tem essa data em algum documento. É, meados de 57, acho que foi agosto.

LR - Ou agosto também, pode ser. Seria a data que tiver lá, porque eu nunca tive o cuidado de fazer história disso, não era minha intenção hoje estar aqui falando de Brasília construção, serviço médico, porque considereei uma passagem normal na minha vida profissional, servir onde houvesse necessidade, chamado. Bom, mas inaugurei então esse



hospital, o centro cirúrgico com duas cirurgias, no mesmo dia: uma de bócio endêmico e outra de megaesôfago, as duas pessoas eram de Goiás, eram duas patologias comuns no nosso meio.

SK - Que interessante isso. Simbolicamente era muito interessante isso. Porque era, exatamente, duas doenças muito prevalentes em Goiás.

LR - Características dentro do estado. Agora, o ambulatório no hospital funcionou antes da inauguração completa do hospital. Dr. Isaac e o Edson Porto fizeram muitos atendimentos ambulatoriais e pequena cirurgias: suturas, lesões, curativos e as pequenas coisas erma feitas lá. Mas o centro cirúrgico quando terminou já havia anotação das camas todas, os leitos todos...

SK - Quantos leitos eram?

LR - Entre 20 e 40 leitos, não posso precisar porque estava em expansão. Mas ele foi construído para servir aproximadamente até 40 leitos.

SK - Essas cirurgias foi o senhor que fez?

LR - Fui eu que fiz, as duas cirurgias, auxiliado pelos médicos que eu tinha levado para lá. Alguns deles já trabalhavam comigo na Casa de Saúde.

SK - Essas duas cirurgias foram feitas como uma espécie de marco...

LR - Foi.

SK - Elas foram feitas como uma solenidade?

LR - Não.

SK - Não solenidade...

LR - Não, não proposital.

SK - Sim, mas elas foram vividas...

LR - Programadas para servir, exatamente, como marco inicial do serviço médico cirúrgico de Brasília do Hospital JK, que já tinha sido inaugurado com esse nome.

SK - E foi intencional ser justamente bócio e megaesôfago?

LR - Acidental. Nós pegamos os primeiros doentes que haviam chegado e que nós internamos lá, preparamos para fazer essa cirurgia. Como eram cirurgias eletivas, as duas, pressuponha-se que o índice de infecção possivelmente seria muito baixo, se houvesse. Não houve nenhuma infecção. Eu acho que os micróbios naquela ocasião, não descobriram que existia um hospital ali naquela região.

SK - Eles não foram pioneiros, nesse caso. Ainda bem.

LR - Ainda bem. (*risos*) Mas, curiosamente, pouco de pois da inauguração aparece o presidente Juscelino Kubitschek com o presidente de Portugal e sua mulher. Era o Traveiro Lopes, que ficou abismado em ver como funcionava o hospital, daquela forma, em Brasília numa época de um verdadeiro bandeirantismo. Ele não podia imaginar, porque era ao mesmo tempo de barulho, de máquinas trabalhando, os geradores de energia elétrica funcionando com máquinas de toda natureza, movimentação de terras, e ao mesmo tempo, ou lama ou poeira na cidade, na cidade em construção. Ele ficou maravilhado pelo grande esforço brasileiro, principalmente pelo denodado presidente Juscelino K. que demonstrou toda a sua capacidade inventiva, de dinamismo, de coragem, de ousadia, enfrentar um sertão bruto, totalmente desabitado, inóspito, sem nada de vida humana nas proximidades muito próximas a não ser a algumas centenas de quilômetros dali, plantar uma cidade daquele porte, e que, já em 60 era inaugurada como capital. Isso que foi realmente entusiástico para todos nós, todos os brasileiros que foram assistir a inauguração da nova capital. Foi 21 de abril de 1960. Eu estava lá, totalmente desconhecido, mas também em contraposição, não conhecia mais ninguém.

SK - Porque o senhor não conhecia mais ninguém?

LR - Porque aqueles que eu conheci quando estava lá, em 1956, 57, estavam já tão misturados, que representava uma parcela ínfima da população. Então, eles para mim eram desconhecidos e eu para eles também era desconhecido.

SK - Eu queria perguntar da inauguração, mas agora o senhor me fez pensar numa coisa. Esses médicos que o senhor levou para lá, além do Dr. Edson Porto, esses outros médicos, o próprio doutro Isaac que já estava lá chegando também, o senhor manteve contato com eles, nesses anos?

LR - Mantive.

SK - Porque o senhor falou que ia a Brasília toda semana ou ia sistematicamente. O senhor continuou indo nesse período?

LR - Eu mantive contato com eles, mesmo depois, por pouco tempo. Porque começaram a chegar mais médicos do Rio de Janeiro mandados pelo IAPI. Porque o IAPI tinha hospital próprio. Então começaram a mandar médicos com a oferta de uma chamada dobradinha de vencimento, de salário. Era o dobro. Os médicos em Brasília ganhavam o dobro do que ganhavam no Rio de Janeiro. Eles tinham, às vezes, casa oferecida e mais o salário, interessava. Ao governo interessava também o serviço médico, porque eram médicos já contratados pelo IAPI, que trabalhavam já no serviço próprio do instituto, do hospital, conseqüentemente eram médicos capacitados para atender essa população de Brasília; que nessa altura, a partir de 1957, deixou de atender apenas os trabalhadores das obras, passaram a atender toda a população que existia. É verdade que já existia alguns médicos particulares lá, no Núcleo Bandeirantes, existia, mas erma médicos que passavam, ficavam alguns meses, iam embora, outros vinham, depois voltavam, não eram médicos permanentes ou médicos convictos da grandiosidade da obra de Brasília, do futuro de Brasília. Talvez fossem médicos mais céticos com relação às grandes possibilidades que poderiam oferecer Brasília naquela época. Também eles têm razão, porque quase todos eles tinham família, as famílias não agüentariam o que um médico

solteiro ou sozinho poderia agüentar: ficar num cubículo de 3 por 3, ou 3 por 2, ou 3 por 4 metros quadrados e dali fazer seu pé de meia, era difícil. Então eu acho que a ida de muitos médicos para lá em caráter transitório, justifica perfeitamente. Muitos preferiram ficar em Luziânia que na época chamava Santa Luzia, outros em Cristalina, outros em Formosa, outros em Planaltina, porque ali eles podiam rever os doentes. Era poucos quilômetros, 20, 30, 40 quilômetros, eles estavam. Então, na verdade, quando construiu esse hospital, entrou em funcionamento, os médicos da base foram os grandes pioneiros, os grandes, não digo sacrificados porque tiveram a compensação financeira, mas eu diria, mais idealistas ou patriotas de ser vir o país numa nova capital. Eu considero eles verdadeiramente heróis.

SK - O senhor acha que os médicos da região, do interior de Goiás ou outros locais do interior, tinham mais esse sentido de idealismo do que os médicos que vinham dos grandes centros ou do litoral?

LR - Sim. Tinha sim. Principalmente os de Goiás, que iam para lá, iam por esse espírito de somar com os esforços do poder público federal para construir a capital. É claro, que por trás disso está o interesse financeiro, porque ninguém vive apenas de brisas, então eles tinham também a compensação. E a compensação ajudou a fixar muitos, mas também aqueles que saíram, pode-se dizer que saíram em função do atendimento a própria família.

SK - O senhor teve contato pessoal com Juscelino?

LR - Muitas vezes.

SK - Qual era a sua impressão dele?

LR - Magnífica, era um homem admirável. Juscelino Kubitschek era um homem extrovertido, bem humorado, de gesticulações sempre amigas, gostava de piadas, anedotas, não tinha para ele, não existia a palavra inimigo; haja visto o que aconteceu em Jacaracianga, quando atendeu aquela sublevação, que eu diria até, infantil, de um grupo de militares e civis, se referia a eles como “a rapaziada”, “vamos ver o que essa rapaziada está pleiteando, vamos ver, e atender o que for possível atender, as reivindicações”, tudo isso, era uma pessoa que eu também diria, eminentemente humana, não guardava ressentimentos de ninguém, até onde eu sei.

DM - O senhor acha que ele atribuía grande importância aos médicos, nesse processo de construção da nova capital?

LR - Valorizava. Numa das conversas comigo, ele me perguntou, o que eu achava, como eu me sentia, me perguntou se eu ficava lá permanentemente, já como diretor do hospital, eu fui nomeado diretor do hospital, logo no início das obras, do hospital JK. Mal iniciaram as obras, eu já tinha sido nomeado diretor do hospital, e continuei até fim de janeiro de 58, quando entreguei o hospital ao presidente do IAPI, dizendo: não consegui o meu intento, que era o empréstimo.

SK - Ah, o empréstimo não saiu?

LR - Não saiu. Mas eu peço de volta os documentos, as plantas que nunca mais eu vi, até hoje, desapareceram entro do ministério do trabalho, ao qual era adstrito o IAPI na época. Falei, só quero agora, os documentos, não temos outros. Não consegui receber de volta. Era presidente Otávio de Lima Barata, não sei que Barata, presidente não, ministro do trabalho.

SK - Era previdência e trabalho ou era previdência...

LR - Previdência social. IAPI – Instituto de Assistência e Previdência Social dos Industriários. Não r recebi até hoje. Nós tivemos que fazer novo levantamento do hospital, para termos novamente as plantas originais.

SK - Então as obras do hospital aqui não saíram, para completar o hospital aqui?

LR - Não, não. Essa foi a razão que nos levou a vender, não saiu. Mas isso eu também falei com o presidente...

SK - Pois é, o senhor estava dizendo, o senhor falou para o Juscelino, o que?

LR - Falei com ele, quando ele já não era presidente. Entrou no lugar dele Jânio Quadros. Ele era candidato a senador por Goiás, ele esteve em visita esse hospital nosso, que vou lhe mostrar depois aqui de fora, e ele me perguntou, ficou eu, ele, prefeito Venerando e o governador Pedro Ludovico, que era muito amigo dele também, na época. Ele me perguntou: mas o hospital, não terminou por que? Falei: Falta de dinheiro, presidente-chamava de presidente. Porque o senhor autorizou e não autorizou. “Mas como eu não autorizei? “O senhor assinou JK na autorização, quando era JK, segundo informações extra-oficiais, é um “de acordo”, mas para não sair. Ele [definiu] riu, negou que fosse verdadeira essa história, riu bastante; mas agora já é tarde, presidente.

SK - Então o senhor tinha muita liberdade com ele?

LR - Ah, tinha. Ele dava a liberdade espontaneamente pela forma de ser.

SK - Mas o senhor acha que havia uma deferência especial pelo fato de vocês serem médicos e ele também médico?

LR - Ah, sim, havia. Havia, porque ele foi médico também da polícia militar em Belo Horizonte, ou civil, não sei, acho que militar, em Belo Horizonte ele era urologista e Juscelino tinha muita ligação com a classe médica. Em Minas Gerais ele tinha muita ligação, muita liberdade. Ele prometia, prometia muita coisa, prometia tudo que se pedia, mas só cumpria aquilo que convinha a ele.

SK - Então tinha essa história, quando ele assinava JK é porque não...

LR - É. Autorização para não sair.

SK - Mas isso era uma coisa corrente ou o senhor ouviu de alguma fonte privilegiada?

LR - Não, foi através de um amigo meu deputado. Estava acompanhando dentro do gabinete do ministro. Isso é autorização, mas JK é para não sair.

SK - Mas o senhor não chegou então, durante o período da presidência dele a reclamar então com ele disso?

LR - Reclamei até 1958.

SK - Chegou a falar com ele?

LR - Cheguei.

SK - Pessoalmente?

LR - Não, não.

SK - Com ele presidente, não?

LR - Sobre isso não.

SK - Reclamava com quem?

LR - Presidente do IAPI.

SK - E ele dizia o que, que não ia sair?

LR - Está andando para sair, vai sair, tem que sair, já está autorizado.

SK - Ficou protelando.

LR - Empurrando, como fala...

SK - Empurrando com a barriga, vai empurrando. Eu já estava, não digo cansado, porque nessa altura eu tinha pouca idade ainda, nessa época eu tinha 37 anos, estava em pleno vigor físico e mental, e não me cansava, nunca fui de cansar fácil. E sempre acreditando, porque eu não concebia que um homem ocupando uma posição de determinações pudesse também falhar, quando ele cumpria... e quando foi [cerrado] um acordo. Não foi um acordo escrito, mas um acordo de cavalheiros, um acordo verbal. Em que de um lado eu pleiteava e me comprometia a dar assistência, de outro lado ele se comprometia a atender o pedido, porque garantia real tinha, era o próprio prédio. Nós estávamos dando garantia em dobro, porque dávamos garantia já de uma obra que estava construída pela metade. Bom, mas surgiu aí um fato muito curioso, quando veio a revolução, o IAPI, na época, tinha pago... desculpe, nessa época, quem comprou era o IAPC. O IAPC comprou para servir a todos os institutos. IAPC é comerciante. Quando o IAPC comprou, o IAPC pagou por partes, por 462 milhões de cruzeiros ou cruzados, não sei, é uma quantia que já nessa época não refletia o verdadeiro valor do hospital. Tanto que nós tínhamos nos arrependido de vender, mas já estava vendido, já tínhamos recebido uma parte, já tínhamos dado início a obra no São Salvador; quando então estourou a revolução e mudou a presidência, era presidente do IAPC nessa época um político de São Paulo, esqueci o nome dele agora. E

a Revolução prometia não dar continuidade aos acordos a nada. Eu fui ao Rio de Janeiro, pedi audiência ao presidente do IAPC, Marcondes, não sei que Marcondes Ferraz, se não me engano, do IAPC, não tenho certeza, aí estive lá, pedi audiência, fui recebido logo e levei comigo uma documentação, e o assunto era esse: reclamar o restante que faltava para completar o pagamento da venda do hospital. O presidente virou para mim, muito mal humorado, disse: olhe, eu tenho ordens e não é mais do interesse do IAPC ficar com o hospital, porque já existe uma série de hospitais fantasmas no Brasil, vendido para preparar os institutos. Realmente havia, principalmente no norte do país: Pará, Amazonas, chamados hospitais fantasmas. Não existiam, estavam então irregulares. De modo que ele me pergunta, o senhor tem interesse em ficar com o hospital de volta? Bom, eu tirei do meu bolso a caneta, falei: presidente, estou com essa caneta na mão, não vim com o propósito de fazer a recompra do hospital, mas eu assino agora, aqui, a recomprado hospital. Não estou autorizado pelos meus irmãos, mas no que eu assino, eles endossam. Vamos firmar um documento agora, preto no branco, expressão que usei para ele, é a tinta sobre o papel, em que nós recomparamos o hospital, devolvemos o dinheiro. “O senhor faz isso?” Disse: faça. Assinamos agora aqui, esse documento. O senhor manda elaborar agora. Olhou assim e me disse: então, me dá um minutinho. Pois não, fiquei sentado. Esperei, esperei, esperei. Nada desse homem voltar. Demorou, demorou, demorou. Olhava no relógio, nada dele voltar. Não sei quanto tempo passou, tenho impressão que pelo menos 30, 40 minutos, decorreu esse período até ele voltar. Quando ele voltou, voltou com ele um antigo funcionário de Brasília, com o sobrenome Carrosino, era um dos diretores da época do IAPI que estava lá no IAPC, entrou junto. Quando ele me viu, deu um abraço, me abraçou, que nós fizemos muita amizade na época, ele vivia sempre em Brasília e Goiânia. Em Goiânia ele vinha para se divertir: comer na churrascaria, se divertir, e sempre estava comigo aqui porque eu ia com ele porque ele era alto funcionário e eu fazia para ele as honras da casa aqui na cidade. Aí o presidente virou para mim e disse: Olha, Dr. Fica o dito por não dito, eu vou pagar o senhor hoje mesmo.

SK - Ele resolveu terminar, ele comprar?

LR - Fechou. Completou o pagamento que faltava. Porque ele tinha ido lá para dentro, onde estava esse Carrosino, fazia parte da estrutura administrativa dele. E o Carrosino disse, eu conheço demais, o hospital existe, não é fantasma não. Que o pavor dele era o nosso hospital aqui ser mais um hospital fantasma. Ele tinha razão também. Eu não digo que não era exagero, mas no Norte existia alguns hospitais fantasmas, existia. Ele pensou que esse fosse mais um.

SK - Aí efetivou a venda?

LR - Autorizou o pagamento do que faltava. A venda já tinha feito. Era só o complemento do pagamento. O completou, eu despedi dele...

### **Fita 3 – Lado B**

LR - ...Abrigo ou dormitório dos soldados do exército. Fizeram verdadeiramente um massacre no hospital.

SK - Com assim?

LR - Destruíram dois... dezembro era época de abacaxi, manga, então tudo que era resto de abacaxi, casca, ia pelo vaso sanitário, caroço de manga, grande, vaso sanitário, toda canalização hidráulica entupiu. Tiveram que arrebentar parede para poder trocar toda canalização.

SK - Esse hospital então era qual o nome?

LR - Hospital do INAMPS.

SK - aí passou a ser Hospital do INAMPS. E vocês estavam construindo o hospital São Salvador que virou hospital Rassi.

LR - Só que não virou ainda hospital... manteve o mesmo nome, São Salvador. Felizmente...

SK - Manteve o nome São Salvador, mas o pessoal conhecia como...

LR - Ah, sim. Esse hospital grande até hoje muita gente chamava ele Hospital Rassi. Mesmo quando ele já estava na mão da Previdência.

SK - O que é interessante é o seguinte, ficou o hospital do INAMPS que as pessoas também se referiam como Hospital Rassi.

LR - Isso.

SK - O Hospital São Salvador, que as pessoas também se referiam como hospital Rassi.

LR - Também.

SK - E o hospital Rassi que foi construído a pouco tempo.

LR - O primeiro. [?]

SK - Mas tem um novo agora, Aniz Rassi.

LR - Aniz Rassi. Mas só que esse é de especialidade cardiologia.

SK - Então tem vários hospitais Rassi aqui.

SK - Dr. Rassi, eu queria voltar um pouquinho, perguntando o seguinte, nessa época que o senhor foi para Brasília, em 56, até a inauguração, nesses anos da construção, o senhor tinha contato com o pessoal de endemias rurais?

LR - Não, não tinha. Apenas, eventualmente, estive com o ministro Pinotti. Porque? O ministro Pinotti, Mario Pinotti foi colega de turma do meu sogro, 1918, se não me engano foi 18, foi colega de turma dele, eles se davam bem, no rio de Janeiro quando ele estava lá, eventualmente eles se encontravam, se davam, e meu sogro teve um nome muito

importante na cirurgia brasileira, ele foi chefe de clínica, primeiro do Professor Brandão Filho. Conhece de nome?

SK - Sim.

LR - Foi o luminar máximo da cirurgia brasileira no Rio de Janeiro, da mesma forma que em São Paulo foi o Benedito Montenegro. São os dois grandes luminares da cirurgia brasileira. E Pedro Moura, eu diria, seria o segundo no Rio de Janeiro em importância como cirurgião. Morreu novo, 59, menos de 60 anos. Morreu de hemorragia por úlcera [?]. Naquela época, quando tinha hemorragia ou era operado de urgência ou era fatal. Não houve tempo para operá-lo de urgência, acabou morrendo. Morreu exatamente seis meses antes de eu casar com filha dele, a Ligia, ele faleceu em junho de 53 e eu casei em dezembro de 53.

TR - Agora, Dr. Luiz, nessa época de 55, 56, como foi a idéia da revista Goiana de Medicina?

LR - A Revista Goiana de Medicina já era uma pretensão da Associação Médica de Goiás. Dr. [Woolf Marcondes Ferraz] tinha vindo para Goiânia em 1954. E ele se filiou logo a Associação Médica de Goiás. Como ele tinha muita tendência para escrever e facilidades para fazer uma revista, ele imediatamente pôs a disposição e foi se não me engano em 56...

TR - Que começou a circular a revista? 55.

SK - O primeiro número é de 55.

LR - Então foi 55, foi um ano depois que ele chegou. Chegou em 54, deve ser isso mesmo, foi logo depois. Eu fui presidente 50, 51, 52,53, 54, isso mesmo, foi na época do [... Marcondes], era o presidente da Associação Médica, depois eu voltei em 57, 58. Então, ficou a cargo dele a elaboração da Revista Goiânia de Medicina, durante todo o tempo, mais de 20 anos; ele talvez tenha melhor condições de falar sobre isso do que eu. Mas a revista dele era uma revista voltada principalmente para patologias regionais, em especial a doença de Chagas e outras doenças como fogo selvagem e outras mais, paludismo.

SK - E o pessoal da Associação publicava na revista?

LR - Publicava. Depois que fundamos a Faculdade de Medicina, a revista passou a ser um órgão oficial, tanto da Associação como da Faculdade. E ele foi diretor na gráfica da universidade, não sei quantos anos, talvez uns dez anos ou mais. Ele era chefe de Departamento de Clínica Médica, enquanto era chefe do departamento de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina.

SK - O senhor estava falando do Pinotti. O senhor conheceu ele pessoalmente?

LR - Muito, muito.

SK - O que o senhor achava dele?



LR - Era uma figura muito popular, figura bem humorada permanentemente, incansável trabalhador, ele era chamado o mata mosquito.

SK - Ele era conhecido como mata mosquito?

LR - Era. Que acabava com os mosquitos da malária. De fato, na gestão dele, a Baixa Bacia Amazônica, mais próxima do nível do mar, era infestada, todo rio Araguaia, todo rio Tocantins, todos os rios aqui em Goiás, também no restante dos estados limítrofes, estavam infestados do mosquito transmissor do [plasmótico] da malária. E tanto falar, às vezes, até confundo com a doença de Chagas, o [triatomino com...]

SK - Mas ele combateu também junto com a malária. A mesma coisa. Botava inseticida para matar um, matava...

LR - Matava os dois. Ele fez as duas coisas. Então o índice caiu de 90% para 1%, 2%, foi um verdadeiro combate a malária, na época.

SK - Isso o senhor está falando de que período, aqui na região de Goiás, anos 40, 50?

LR - Depois de 50. Coincidiu exatamente com o início da Associação Médica.

SK - Que é de 50?

LR - É. Ele era da malária.

SK - E o sal?

LR - O sal foi em 53.

SK - O que o senhor achava disso na época? O senhor achou uma boa idéia botar o remédio no sal?

LR - Ah, sim. Mas a idéia partiu de nós. Eu era presidente da Associação Médica quando fizemos o congresso.

SK - Mas não estou falando do iodo, estou falando do sal do Pinotti que botava o remédio para a malária no sal. O sal cloroquinado, como eles chamavam. Porque tinha o sal iodetado, e o sal com a cloroquina para matar o plasmódio, que ele também distribuiu.

LR - Aqui ele criou na época, tinha o serviço nacional de malária, havia a regional aqui que depois passou para a endemias rurais

SK - A regional do departamento de endemias rurais.

LR - Tinha como chefe Átila Gomes de Carvalho.

SK - Pois é. A gente, inclusive, tinha perguntado para o Dr. Jofre o contato dele, que a gente queria entrevistá-lo, mas ele faleceu.

LR - Faleceu, acho que há dois anos. Eu não sabia que ele morava aqui em Taguatinga perto de Brasília. Era uma figura espetacular. A vinda dele para Goiás foi um acidente geográfico. Ele era assistente de clínica médica da Santa Casa, de um serviço, cujo nome não sei o titular. Mas era um bom serviço de clínica médica. Se aborreceu por alguma razão e resolveu sair do Rio de Janeiro e ir para onde o dedo dele apontasse no mapa do Brasil, ele com os olhos fechados.

SK - Mentira, ele fez isso?

TR - Quem contou essa história?

LR - Uma brincadeira que ele...

DM - Ele próprio contou essa história?

LR - Ele contou. Pegou o mapa do Brasil, pediu a alguém, muda a posição do mapa, desloca o mapa do jeito que você quiser, eu vou para onde meu dedo apontar. E apontou Porto Nacional. Diz que o Pedro Afonso, por perto em Porto Nacional. Bom, Porto Nacional é mais importante que Pedro Afonso, apontou para ali. De olho fechado, ele diz, pode abrir os olhos, ele abriu, quando ele leu Pedro Afonso, onde fica? Nos confins do norte de Goiás, eu vou para lá.

SK - Ele gostou da idéia?

LR - Ele nem sabia o que era Porto Nacional, nunca tinha saído do Rio de Janeiro.

SK - E foi?

LR - Foi. Ficou um tempo lá, mas volta e meia estava aqui em Goiânia. Aí fizemos um relacionamento de amizade. Mas ele era um homem espetacular para um relacionamento de amigo, era muito, muito aberto, muito bem humorado, a mulher dele também muito bem humorada, acabaram depois construindo uma casa aqui, e ele ficou algum tempo lá, depois ele saiu de lá para chefiar o serviço aqui, daqui ele foi levado pelo Mario Pinotti para o Rio de Janeiro.

SK - Serviço de que? Ele foi convidado para chefiar o serviço daqui, qual?

LR - Endemias rurais. E daqui, quando Mario Pinotti assumiu o ministério Mario Pinotti levou ele para lá.

SK - Ele tinha formação de sanitarista ou ele tinha formação médica?

LR - Não, médico. Na época, o sanitarista ele saía da clínica médica. Era disciplina de higiene e mais alguma coisa. Não havia a disciplina [?], vinha de saúde pública, provavelmente. Ou [?] Tem até, história de saúde pública, não existia na época.

SK - Tinha alguns cursos, mas não eram muito disseminados?

LR - Não, não eram disseminados. Bom, mas ele tinha uma formação ampla, geral, então facilitou esse [passo], ele então foi para o ministério. Lá no ministério, e depois também do ministério da saúde no Rio, ele veio para Brasília. Quando fundamos a Faculdade de Medicina, aqui, ele ajudou muito a faculdade, mandando cobrar microscópios e feito ação oficial do ministério para a Faculdade de Medicina.

SK - Mas ele chegou a ficar em Brasília, no departamento de endemias rurais?

LR - Ficou alguma temporada. Depois veio embora... Ficou em Goiânia também uma temporada, depois saiu, depois foi para o Rio de Janeiro também, depois não sei para onde. A minha impressão é de que ele tinha um espírito meio bandeirante, e mudar. Porque, nem eu sabia, ele estava em Taguatinga, uma cidade que cresceu tanto nas proximidades de Brasília, uma cidade importante hoje, do Distrito Federal; morreu lá.

SK - Eu havia perguntado ao senhor, enquanto o senhor em Brasília, nessas idas, para o Hospital JK, mas o senhor não tinha contato diretamente com o pessoal das endemias rurais?

LR - Não, não tinha.

SK - Quer dizer, o seu relacionamento com o Dr. Átila era por outros meios?

LR - Por outros meios.

SK - O Pinotti visitava muito Brasília? O senhor lembra?

LR - Não lembro, se visitava com frequência, não sei.

SK - Mas quando o senhor o conheceu, não foi lá então?

LR - Não, foi no Rio de Janeiro. Conheci no Rio, já tinha conhecido ele aqui, antes, durante o Congresso.

SK - Qual congresso?

LR - Médico [?], novembro de 51.

SK - Ah, sim, sim. Teve um congresso médico, desses do Brasil Central, que foi feito em 58 aqui em Goiânia. Ele já era ministro?

LR - Eu era presidente. É.

SK - O senhor teve com ele aqui? Teve, né?

LR - Nessa época ele não veio.

SK - 58? Veio sim.

LR - Mario Pinotti? Eu acho que não.

SK - Eu estou perguntando isso, porque, inclusive o Dr. Jofre... Porque ele na época, nesse congresso, tem um fato interessante, porque ele teria dito que a doença de Chagas não era tão importante, porque malária era mais importante. O Dr. Jofre ficou meio aborrecido quando ele falou isso. O senhor não se lembra desse...

LR - Eu fui presidente do congresso...

SK - 58...

LR - Foi o segundo congresso da Associação Médica, foi sete anos depois do primeiro. Olha, a memória já me falha.

SK - É, mas isso não importa. Em 51 o senhor esteve com ele?

LR - Que eu estive com ele algumas vezes no Rio, estive, porque, trabalhava com ele lá um antigo companheiro meu de ginásio em São Paulo e antigo companheiro de faculdade de Medicina, ele era de outra faculdade, Tufi Matar. Ainda é vivo, está em São Paulo, virou geriatra. Incursionou por tudo que é cantos e coisas, inclusive incursionou pela geriatria e ficou na geriatria até agora. Ele era muito amigo de Mario Pinotti.

SK - Alguns tinham uma visão do Pinotti ser mais político do que médico.

LR - Era bem mais político do que médico.

SK - Por que?

LR - Eu acho que as ambições políticas dele, eram progressivas, mas ele não tinha assim bagagem política de liderança para aglutinar, nem também pertencia a um partido político capaz de absorvê-lo como político mesmo.

SK - Ele era próximo do Ademar de Barros, né?

LR - Foi na época do Ademar de Barros. Esse Tufi Matar que trabalhou com ele, foi por indicação do Ademar de Barros.

SK - O senhor acha que ele foi um bom ministro da saúde, o Pinotti?

LR - Foi. Foi porque basta esse fato dele ter acabado com [?]a malária, durante muitos anos, basta isso para justificar o fato dele ter sido bom nisso, que ele reconheceu a existência da doença, que era grave problema social, do Norte, do centro-oeste e de resto, no país todo. Não discutiu a importância da doença. Talvez ele tenha cometido um erro, não aceitando a doença de Chagas como preocupante.

SK - Ele até havia aceitado antes, né?

LR - Porque quando foi do adicionamento do iodo, ele estava presente aqui no congresso, ele era... Ele foi ministro em... 58, mas ele era do ministério.

SK - Não, antes ele era diretor do departamento nacional de endemias rurais, de 56 a 58.

LR - Então está certo. Eu sei que ele teve uma participação de ajuda nisso, ele teve.

SK - Então o senhor acha que ele foi um bom ministro, por contada malária?

LR - Por contada malária.

SK - Inclusive foi a campanha de erradicação, controle e erradicação que começou em 58. O senhor se lembra disso, de ouvir falar nessa idéia de erradicação?

LR - Lembro muito dessa campanha, porque ela também nasceu daqui, do interior. Porque nós temos aqui em Goiás um índice muito elevado. Eu não sei qual é proporcionalmente, percentualmente, não sei dizer, quem sabe meu irmão sabe, o Jofre também, por ser da área clínica.

SK - Mas eu estou falando da campanha que o Pinotti fez da erradicação da malária. O senhor se lembra de ouvir falar disso?

LR - Ah, sim. Participei desse período todo.

SK - Os médicos ficaram entusiasmados nisso ou não acreditaram muito?

LR - Houve um entusiasmo geral. Existe uma conseqüência do empaludismo. Veja bem. O empaludismo comete sempre, sempre o baço. O baço cresce em decorrência de ré-infecções ou acúmulo de toxinas, cresce o baço, que ele sai do lado esquerdo, do flanco esquerdo ele desce em direção a fossílica direita, acompanhando toda a bacia. Ele cresce tanto que se acomoda, desse jeito aqui, pesando 12, 14, 15 quilos. Cansamos de operar baço palúdico, chamado baço palúdico; paludismo ou empaludismo ou malária. Bom, eu cansei de operar isso. Era só abrir o abdômen, fazer isso aqui com a mão, descolar as aderências devidas, fazer isso aqui, luxar para fora da cavidade intraperitoneal, puxar, pinçar os pedículos vasculares, uma artéria e duas veias e retirá-lo e mandar pesar.

SK - Não sabia que tinha essa cirurgia.

LR - Das complicações do empaludismo.

SK - Então era, de fato, um problema importante.

LR - Um problema social. Porque o doente é acometido, ou ele morria quando se tratava da costa maligna ou o empaludismo pelo [plasmódio facípulo] ou quando não era acometido pelo facípulo, era pelo [?] ou malária, então era mais benigno os outros dois, não chegavam a matar, mas eles ficavam na forma crônica e a forma crônica levava o baço a crescer. Ficava todo, todo endurecido como se fosse um papelão grosso, não pedra, um papelão grosso ou couro.

DM - E a criação da Faculdade de Medicina de Goiás, o senhor pode falar?

LR - A Faculdade de Medicina, desde que eu entrei para a Associação Médica já era um ideal. A cidade possuía aproximadamente 150 mil médicos, nessa ocasião. Já era uma

reivindicação da classe médica. Esperamos o ano 51, 52, em 53 para 54 a Associação Médica se mobilizou e fundou a Faculdade de Medicina nominalmente, para pedir o apoio do governo. Nessa ocasião criamos a chamada Comissões Auxiliares da diretoria. Uma das comissões era Comissão de Ensino Médico, aquém estava a distrito a incumbência de trabalhar em prol da Faculdade de Medicina. Bom, passou esse período, continuamos com o pensamento voltado para a faculdade. Em 1957 eu voltei para a Associação Médica como presidente. Aí demos o segundo grande impulso para a constituição de uma faculdade. Era governador José Ludovico de Almeida, pai do Dr. Francisco Ludovico Almeida Neto, que foi presidente da comissão de ensino Médico. Ele era muito entusiasta da fundação da faculdade e ele na presidência da comissão forçou a situação junto ao pai. O pai facilitou de todas as formas. Fundou então Fundação pró Faculdade de Medicina, que perdurou nominalmente até 58. Quando foi 59 essa Fundação tomou corpo, e o Francisco Ludovico a frente da comissão de ensino médico da Associação Médica ficou se pôs em campo trabalhando junto ao governo do estado chefiado pelo pai dele. O que foi uma razão determinante da fundação da faculdade. Em 1960 ele já articulava em nível oficial a fundação da Faculdade de Medicina. Como veio Brasília para inauguração, e o Juca Ludovico, pai do Francisco Ludovico, era muito íntimo do presidente Juscelino Kubitschek. Porque, ele como governador facilitou a comissão de compra dos terrenos todos, isso ajudou demais o governo federal, não só na delimitação, como na aquisição dos terrenos, das fazendas dentro do perímetro do Distrito Federal Com isso também, ele se viu obrigado a ajudar, ou melhor, a determinar a criação da Faculdade de Medicina em Goiânia. E o Chico Ludovico já trabalhando com afinco, com dedicação, indo daqui a Brasília, daqui ao Rio de Janeiro, muitas vezes para esse fim, conseguiu em 1960 fundar definitivamente. Fundada que foi a Faculdade de Medicina, em dezembro foi criada a Universidade Federal de Goiás para arregimentar e englobar todas as unidades pertencentes, se não me engano, na época erma 12 ou 13 unidades, que já eram faculdade: Direito, Educação, Engenharia, Farmácia, Odontologia, uma porção. Eu sei que em dezembro, também no dia 14 de dezembro de 1960, mesma data de Brasília, foi criada a Universidade Federal de Goiás, englobando a Faculdade de Medicina.

SK - Só tinha Medicina? Tinha outros cursos?

LR - Direito, Já tinha a muito tempo, Farmácia, Odontologia, Educação, Ciências Humanas e Letras...

SK - Quer dizer, os cursos separados foram...

TR - Agregados.

LR - Agregados.

DM - Outras faculdades já existentes e outras novas foram criadas, então para a universidade, é isso?

LR - Foram agregadas ou...

DM - Essa de Direito o senhor disse que já existia, é isso ou entendi mal?

LR - Já existia desde Goiás velho. Tornei a falar Goiás velho, instintivamente. Os goianos de lá não gostam, eles se ressentem, com razão. É um bairrismo sadio, se ressentem. Mas a gente, imprudentemente ou sem querer torna a falar de Goiás velho. Bom, então, houve a federalização da Faculdade de Medicina e o Chico foi nomeado logo diretor da faculdade. Permaneceu sete anos como diretor, aí [vinha] 1968 como diretor da faculdade. Em 68 até 72. Peguei o ministro Tarso Dutra e peguei o Jarbas Passarinho, ambos ministros da Educação. Cada um dos diretores deu a sua parcela de trabalho, de produção. O Chico Ludovico, na realidade, ele teria continuado, mas foi denunciado pela Revolução, não como subversivo, mas como amigo, vamos dizer, dos subversivos. Ele foi confundido na época como simpatizante dos subversivos que a Revolução estava caçando em todas as universidades. E diante disso ele foi retirado da direção da faculdade, alguns meses antes. E logo foi então determinado que [?] a reitoria e se fizesse a eleição e eu fui então indicado para o ministério, na época do Tarso Dutra, e fui assim nomeado diretor da faculdade por um período de quatro anos.

SK - O senhor tinha contato com a Faculdade de Medicina de Brasília?

LR - Tinha.

SK - Como era o grupo lá?

LR - Era estilo diferente em [regimento], era um programa chamado, mais avançado, menos tradicional. Nós seguíamos uma linha tradicional, era linha do Rio e São Paulo.

SK - Eles eram diferentes? Uma mesma proposta, mas...

LR - É. O reitor de lá e os diretores das unidades, principalmente o reitor e vice reitor, eram pessoas mais novas, que tinham algumas idéias mais avançadas como as idéias, vamos dizer, americanas, de curso por semestre, semestral, quem quiser fazer um semestre faz, que não quisesse fazer o outro semestre, não faz, sistema América. O sistema americano é diferente. Lá eles não fazem seguido porque quem custei seu estudo é ele mesmo, o próprio estudante. Aqui quem custeia o estudo é o pai do estudante. É diferente. Cometeram um lapso, querendo comparar e adotar o sistema. Mas mesmo assim, depois, nós tivemos que fazer a experiência por determinação do ministério. Ainda no ministro, o ministro Jarbas Passarinho. Só que quando eu saí, nós já tínhamos implantado o sistema semestral, que deveria ser avaliado cinco anos depois. Não foi. Foi cerca de 15 anos depois avaliado e se mostrou inoperante e voltou ao que era, por ano. O que me parece mais razoável, para nosso sistema era o mais razoável. Na América do Norte quem tem dinheiro para estudar, o pai não ajuda. Aqui é diferente. Aqui existe o estudo paternalista, lá, estudo individualista. O pai pode ser dono de um banco, mas o filho tem que trabalhar para estudar. Ele trabalha nas férias e estuda um semestre, depois volta a trabalhar, como garçom, lavador de carro, qualquer coisa, volta a estudar. Ou então, casa com mulher mais velha, que sustenta, mas é verdade, que sustenta. [Não estou dizendo por pessoas específicas, dito por professores de lá]. Depois que termina o curso: tchau, foi bom enquanto durou, um ou outro continua, mas a grande maioria vai embora. E as mulheres se satisfazem com o tempo que conviveram porque...

SK - Ou não se satisfazem, devem ficar meio chateadas também.

LR - Pode ser. Mas eu digo que se satisfazem porque muitas vezes toleram pela companhia permanente que tem, de um rapaz mais jovem, elas trabalhando nas empresas, no comércio como funcionárias, então o sistema brasileiro, isso eu discuti muito com o ministro Passarinho na época, nós tínhamos muito contato. Na minha época de diretor, eu tinha despachos diretos com eles. Hoje, só através da reitoria tem espaço com o ministro. Na época os diretores podiam despachar diretamente.

TR - Sobre a faculdade de Medicina de Goiás, antes da criação efetiva da faculdade em 60, havia uma discussão de que os alunos depois de formados teriam que trabalhar no inteiro durante um tempo. Como foi isso?

LR - O fundamento da fundação Faculdade de Medicina dentre as argumentações, nós estávamos fazendo uma faculdade de medicina voltada para o interior do estado, onde não havia médicos, onde nós poderíamos concorrer de alguma forma a fixação do médico no interior. Então propusemos uma faculdade de medicina, em que o estudante poderia ou deveria prestar serviços remunerados pela instituição em qualquer cidade para onde fosse indicado ou dando a opção de escolha entre um agrupamento de cidades, onde não existissem médicos. Bom, mas isso foi um plano frustrado, não funcionou, mas fizemos então em contrapartida, a criação de campos avançados da universidade, mas servindo a faculdade de medicina. Criamos então, alguns locais onde os estudantes faziam e até hoje ainda fazem, mas já com nome diferente, fazem estágio de um mês no interior. Hoje eles têm mais meios de locomoção, mais conforto porque são cidades já constituídas. Naquela época não havia essas facilidades, todas as estradas eram de terra.

SK - Onde eram esses lugares onde vocês mandavam os alunos? O senhor se lembra?

LR - Porto Nacional era uma delas. Lá funcionava, funcionou bem, mas tivemos que nomear ou contratar um médico do hospital público do estado.

SK - Pois é, esses alunos iam e ficavam aonde lá? No hospital da cidade.

LR - Iam num rodízio mensal de seis a sete estudantes, do quinto ano, do sexto ano.

SK - Iam, ficavam quanto tempo?

LR - Um mês.

DM - Porque esse outro modelo não funcionou?

LR - Esse modelo não funcionou porque não foi avante por desinteresse bilateral. A própria congregação não foi estimulada, não se sentiu estimulada para isso. Porque era um projeto que demandava pagamento, e o pagamento teria que ser da universidade. A universidade não tinha verba específica para isso. O ministério não reconhecia isso, não sustentava, [parte] de sustentação financeira.

SK - Mas os professores, a congregação, resistiram pela dificuldade de pagamento, mas eles achavam que o projeto era bom ou eles não se interessaram?



LR - Na verdade, poucos de nós se interessavam pelo projeto. Eu me interessava. Por que? Eu sou da primeira leva daqueles que fundaram a Faculdade de Medicina, eu sou um dos vinte e poucos que fundamos a Faculdade de Medicina. Tínhamos isso em mente, de que, no México até hoje funciona esse sistema: o médico forma, a universidade manda ele ou o governo, através de algum órgão, que não qual é, manda para uma determinada localidade. Nessa localidade ele é supervisionado, mas já presta seus serviços. Vão fazer um estágio de dois anos, pode fazer num lugar só, pode dividir.

SK - Então o senhor tinha isso como um projeto?

LR - Eu tinha.

SK - Mais quem tinha?

LR - Todos nós da primeira... depois quando a faculdade cresceu e vieram os outros, idéias novas, nova mentalidade, maior número, então numa votação, perdi a minoria.

SK - Agora, além de Porto Nacional, depois do que foi feito, o senhor lembra...

LR - Picos em Piauí, no interior, extremo sul ou quase extremo sul do Piauí.

SK - Então não era só em Goiás?

LR - Não, em qualquer lugar. Onde tinha já uma base, lá tinha, por exemplo, o hospital público do governo. Agora, existia paralelamente a isso um órgão estudantil, também de assistência médica supervisionada por um professor. Eles passavam um mês em qualquer lugar do interior onde não houvesse médico. Um exemplo, cidade de Faina, aqui. Faina era um lugarejo na minha época. Eu tenho até a fotografia de Faina, só que está no fundo de milhares e milhares de fotos, nem daria para eu descobrir, Faina. Os estudantes iam para lá com finalidade o que hoje faz médico de família. Existe esse médico de saúde da família. Aqui, eles ganham até bem, ganham mais de três mil e quinhentos, quatro mil reais. Médico do estado, é dinheiro do governo federal, mas que passa para o município, estado, município. Então, em cidades, também com o objetivo de fixar o médico, depois de formado, nessas localidades. Nós tivemos muitos que foram.

SK - Isso que eu ia perguntar. Muitos foram e ficaram.

LR - Por quê? Criaram ali algumas amizades e muitos se casaram com pessoas do local.

SK - O senhor acha que o espírito do bandeirantismo, que a gente falou tanto, de Brasília, nessa época, em torno da inauguração de Brasília, estimulou o desejo desses estudantes ou médicos de irem para localidades onde não havia nada?

LR - Estimula. Todos nós temos dentro de nós mesmos o espírito de aventura, é próprio do homem. Talvez pelo espírito de poligamia, existe inato na pessoa esse espírito de aventura, de bandeirantismo, ele existe inato nas pessoas. Ou, pelo menos, na grande maioria das pessoas. Porque, o jovem tem por natureza a sua facilidade de movimentação, de mobilidade, de pensamento; seu pensamento é rápido como a luz, eles têm essas facilidades, não é acomodado integralmente, quer novidades, quer viver uma outra vida

as vezes, conhecer outros lugares, esse espírito leva ele naturalmente. Da mesma forma que os garimpeiros, que garimpam ouro ou diamante aqui em Goiás, muitos vão pelo espírito de aventura, acabam descobrindo algumas pedras, tomam gosto porque descobriram, ganharam algumas pedras e ficam. O médico também é...